

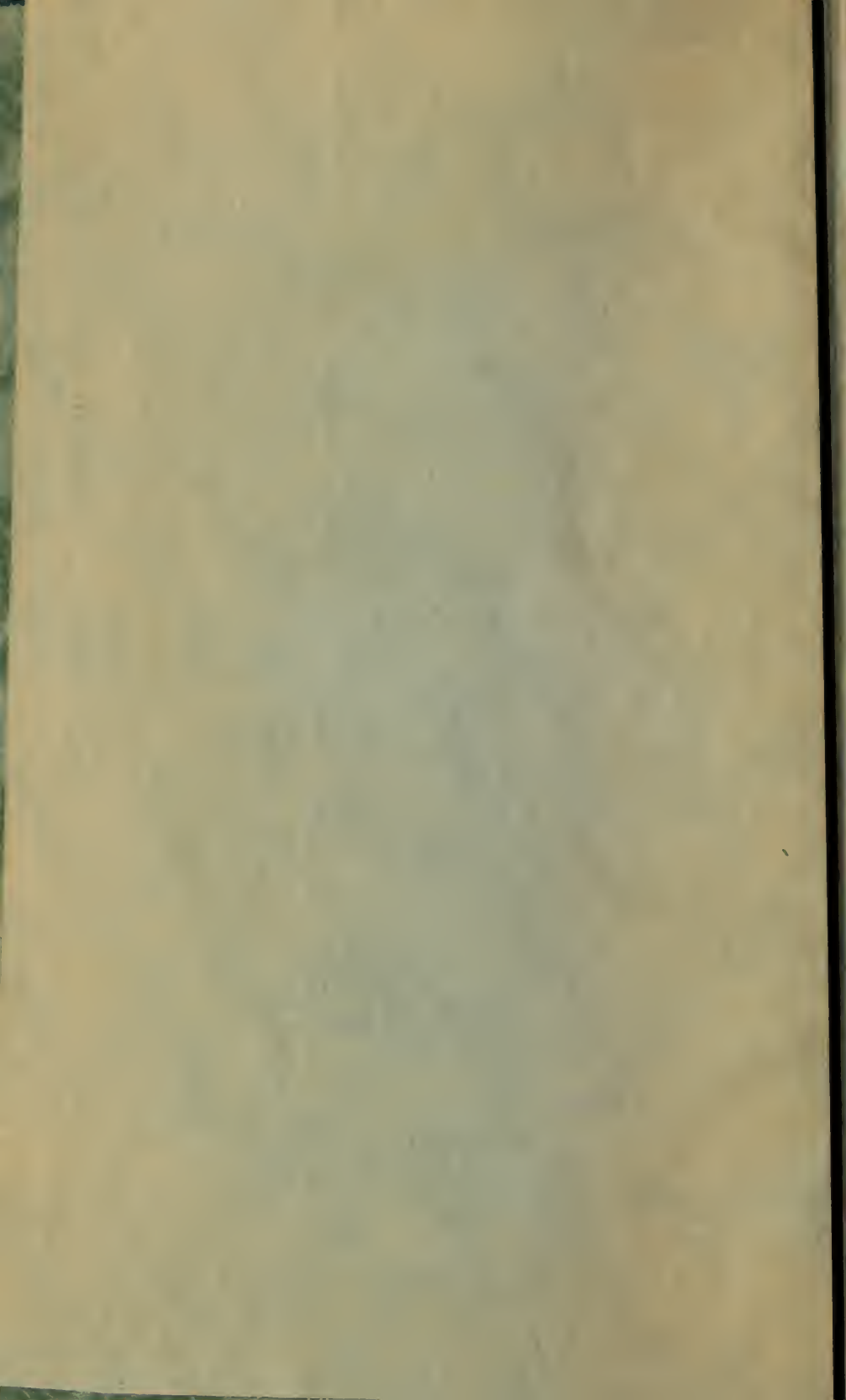


3 1761 07965888 6

PQ
1892
A66







BAJAZETO,

TRAGEDIA

DE

JOAÕ RACINE,

TRADUZIDA EM VERSOS PORTUGUEZES.

Du théâtre François l'honneur et la merveille,
Il sçut ressusciter Sophocle en ses écrits ;
Et, dans l'art d'enchanter les cœurs et les esprits,
Surpasser Euripide , et balancer Corneille.

Boileau.

LISBOA:

NA TYPOGR. DE ANTONIO RODRIGUES GALHARDO.


1822.

PQ

1892

A66





ADVERTENCIA.

Racine, T. Corneille, e Voltaire produzirão sobre o mesmo assumpto as Tragedias *Bajazeto*, *Ariana*, e *Zulima*: compete aos Criticos ajuizar sobre o seu merecimento comparativo; mas he bastante o nome do suave Racine para tecer o encómio de suas dramaticas producções: todavia escolheriamos, em vez da que offerecemos, alguma das peças, que immortalizaõ este grande Genio, de que a França blazona, e com razaõ se ufana, se as não achassemos vertidas por mui habéis penas: possuimos as traducções da *Phedra*, da *Iphigénia*, da *Andrómacha*, e da *Athalía*; o exemplo das tres primeiras nos impellio a traduzir *Bajazeto*, igualmente verso a verso, supposto que o nosso Candido Lusitano, traduzindo *Athalía*, se permittio maior liberdade.

Julgámos conveniente addicionar á traducção de *Bajazeto* algumas Notas historicas, e criticas, que transcrevemos, quasi todas, do Commentador Boisjermain.



A C T O R E S.

- BAJAZETO Irmão do Sultão Amurato.
ROXANA Sultana favorita d'Amurato.
ATALIDA Donzella do sangue Othomano.
ACOMATO Graõ-Visir.
OSMIN Confidente do Graõ-Visir.
ZATIMA Escrava da Sultana.
ZAIRA Escrava de Atalida.
GUARDAS.

A scena he em Constantinopla , por outro nome Byzancio , no Serralho do Graõ-Senhor.

BAJAZETO,
TRAGEDIA,

A C T O I.

S C E N A I.

ACOMATO, OSMIN.

ACOMATO.

VEM, segue-me. A Sultana aqui não tarda:
E eu no emtanto fallar-te, e ouvir-te posso.

O S M I N.

E dêz-quando, Senhor, n'estes lugares
Tens livre accesso, outr'hora tão vedado?
Quem tanto ousava, tinha certa a morte.

ACOMATO.

Em tu sabendo, Osmin, quanto succede,
 N'estes lugares me has-de ver sem pasmo;
 Mas deixemos, amigo, vãos discursos.

Quanto me não tardava o teu regresso!
 E quanto não me apraz ver-te em Byzancio (1)!
 Dos segredos me instrue, que descobriste
 N'esta viagem, feita a meu respeito.
 O que viste depõe, falla sincero;
 Porque da narraçãõ, que vais fazer-me,
 Pendente a sorte está do Imperio Turco (2).
 Que medita o Sultãõ? Que vai no campo?

OSMIN.

Babylonia, fiél a seu Monarcha,
 O exercito sitiante não temia;
 Vinhaõ em seu soccorro em massa os Persas (3),
 E ao campo do Sultãõ se aproximavãõ,
 Que já cansado de hum tão longo assedio,
 De levantar o cerco indicios dava,
 E a fim de não baldar novos assaltos,
 Resoluto á peleja esp'rava os Persas.
 Mas, apesar da minha diligencia,

Entre o campo, e Byzancio ha longo espaço (4)
Mil estorvos, que achei, se me oppozeraõ,
E o mais, que succedeo, saber naõ posso.

A C O M A T O.

Mas os bravos Janízaros que fazem?
Homenage' ao Sultaõ rendem sincera?
Nada em seus corações sondar podeste?
D'absoluto poder goza Amurato (5)?

O S M I N.

Contente está, se credito lhe dermos,
E parece esperar feliz victoria.
Porém debalde pensa fascinar-nos:
Affecta, mas naõ tem tranquillidade;
E debalde accessivel, bem que os teme;
A todos os Janízaros se torna.
Jámais esquece, que intentou seu odio
D'esse graõ corpo cercear metade,
Quando, para firmar seu novo Imperio,
Deixar sua tutelá meditava.
Eu d'elles o rumor ouvi mil vezes;
Sempre o témem, porque elle sempre os teme:
Desprézaõ resentidos seus affagos,

E murmuraõ, Senhor, da ausencia tua.
 Tem saudades do tempo, em que, a teu mando,
 Já certos da victoria, combatiaõ.

ACOMATO.

Pois crês, que ainda a minha gloria antiga
 'Anima o seu valor, vive em su'alma?
 Que ainda com prazer me seguiriaõ,
 Do seu Visir á voz obedecendo?

OSMIN.

O exito da acção vai decidil-os:
 Cumpre ver, se o Sultaõ foge, ou triumphã;
 Supposto que forçados o acompanhaõ,
 Haõ-de a fama attestar d'altas proezas,
 E o lustre sustentar da gloria antiga;
 Porém da sorte o exito depende:
 Se Amurato feliz canta victoria,
 Grata a seus corações, em Babylonia,
 A Byzancio, verás, que o exemplo trazem
 Da mais céga, e servíl obediencia;
 Porém se no combãte a sorte adversa
 Seu réinado novel d'affrontas cobre,
 Se foge, naõ duvides, que irritados

Bem depressa ao rancôr a audacia juntem,
E que a perda, Senhor, da açãõ reputem
Hum aresto do Ceo, que o desaprova.
No entanto, se o boato acreditarmos,
Ha já tres mezes que expedio do campo
Hum escravo, que trouxe ordem secreta:
Todo o campo tremeo por Bajazeto,
Receando, que Amurato despiedoso
A cabeça do irmão n'ella exigisse.

A C O M A T O.

Esse era o seu intento. Veio o escravo:
A ordem presentou; mas nada obteve.

O S M I N.

Que, Senhor! O Sultão vél-o-ha no campo,
Sem o signal da tua obediencia?

A C O M A T O.

O escravo, charo Osmin, já não existe:
Foi mandado lançar do Euxino ao fundo.

OSMIN.

Mas tardando, o Sultão de tal demora
 Ha-de a causa exigir, tomar vingança.
 Que has-de então responder?

ACOMATO.

Dar-lhe-hei cuidados,
 Antes d'isso talvez, mais transcendentos.
 Sei, que Amurato protestou perder-me,
 E, em regressando, a sorte, que me espera.
 Por que os Soldados seus de mim se esqueçaõ,
 Vai sem mim procurar acções, e assedios:
 O exercito commanda, e eu na Corte
 Phantastico poder fico exercendo.
 E he este de hum Visir o emprego, e pôsto?
 Mas d'est'ócio colhi mais digno fructo:
 Vigílias, e receios lhe preparo,
 E em breve saberá quanto machino.

OSMIN.

Como assim? Que fizeste?

A C O M A T O.

Espero, que hoje
Bajazeto, e Roxana se declarem.

O S M I N.

Roxana, em que Amurato fez escolha
D'entre as beldades, de que Europa, e Asia,
Para a Corte lhe encher, se despovoão,
E que em seu coração tem todo o imperio?
Roxana venturosa, a quem já honra,
Sem ter hum filho, o nome de Sultana (6).

A C O M A T O.

Por ella inda fez mais; deixou-lhe, amigo,
O supremo poder na ausencia sua.
Dos Sultões o rigor mui bem conheces:
O irmão raro aos irmãos gozar permite
A honra infausta de provir de hum sangue,
Que á sua jerarchia os aproxima.
Ibrahim, sem reçar seu nascimento (7),
Sem risco arrastra huma perpétua infancia:
Incapaz de viver, de morte indigno,

De quem servil-o quer nas mãos o entregaõ.
Invejado, e temido observa o outro,
Que Amurato arrancar-lhe intenta a vida;
Pois sempre com desdém vio Bajazeto
De seus irmãos a molle ociosidade:
De verdes annos dedicou-se ás armas,
E ao meu commando se ensaiou na guerra.
Nos combates correr tu mesmo o viste,
Conciliando a estima dos Soldados,
E ter, de sangue tincto, o gosto, a gloria,
Que o primeiro triumpho a hum moço inspira.
Mas o cruel Sultaõ, se bem que o teme,
Sem ter hum filho successor no Imperio,
Naõ ousava do irmão tomar vingança,
E a esperança cortar da regia prole.
Protrahindo por tanto o seu supplicio,
Encerrou Bajazeto no Serralho
Partio pois para o campo, e fez Roxana
Da existencia do irmão depositaria,
Que, fiél a seu rancôr, seus tristes dias
A' mais leve suspeita victimasse:
E eu, só ficando, em cólera abrazado
Tratei d'interceder por Bajazeto.
Co'a Sultana fallei, meus fins cobrindo,
Lhe fiz ver de Amurato a volta incerta,
Do exercito o rumor, da guerra a sorte:

Bajazeto carpí, louvei seus dotes,
 Que, ácinte pela inveja escurecidos,
 Taõ proximos de si desconhecia.
 Que hei-de eu dizer-te em fim? De amor perdida
 Logo a Sultana suspirou por vel-o.

OS MEN.

Mas podéraõ vendar da inveja os olhos,
 Que estorvos invenciveis lhes oppunhaõ?

ACOMATO.

Do boato infíel talvez te lembraes,
 Que se espalhou da morte de Amurato:
 Roxana, dar-lhe credito fingindo,
 O attestou com seus ais, com seus lamentos:
 Tremêraõ seus escravos, e dispersas
 Do feliz Bajazeto as guardas foraõ,
 E de todo com dádivas compradas,
 No tumulto os captivos ver-se ousáraõ.
 Vio Roxana o seu Principe, e occultar-lhe
 Naõ pôde a ordem, que lhe foi confiada.
 Bajazeto he amavel; vio pendentas
 Seus dias de agradar-lhe, e agradeu logo.
 Tudo era em seu favor: os seus desvélos,

Este arcano sabido, este commercio,
 Suspiros ternos, que occultar deviaõ,
 O estorvo estimulante de se verem,
 A mesma audacia, p'rigos, e temores
 Seus corações, e sua sorte uniraõ;
 E aquelles, que amoestal-os deveriaõ,
 Do seu dever á voz ouvidos negaõ.

O S M I N.

Que! Roxana, seu peito descobrindo,
 Ousou manifestar-lhes seus amores?

A C O M A T O.

Inda o não sabem; que interpôz té'gora
 Seu nome a seus amores Atalida,
 Sobrinha do Sultaõ, pai de Amurato,
 Que taõ terno lhe quiz, como a seus filhos,
 E junta educaçaõ lhes deo na infancia.
 Ella finge acceitar de Bajazeto
 Os votos; mas dirige-os á Sultana,
 E em seu nome se apraz de que elle a adore:
 E porque ambos de mim confiar-se possaõ,
 A maõ me promettêraõ de Atalida.

OSMIN.

Tu ámal-a, Senhor?

ACOMATO.

Pois d'esta idade

Crês, que eu faça o de amor vil tyrocínio?
Que a hum velho, de fadiga assoberbado,
Céga o prestigio vaõ de vãos prazeres?
Outros dotes possue, que me são gratos:
O sangue, de que vêm, n'ella só amo.
Achegando-me a si, contra si mesmo
Me off'rece n'ella Bajazeto apoio.
Aos Sultões hum Visir faz sempre sombra;
Apenas o promóvem, logo o témem:
He seu espolio hum bem, de que se apossaõ,
Nem caducar nos deixaõ seus enfados.
Hoje me affaga, e honra Bajazeto,
Seus perigos despertaõ-lhe a ternura;
Mas talvez que, sentado sobre o throno,
Hum inutil amigo desconheça.
Porém se o meu dever, e fé naõ tolhem,
Que ouse hum dia a pedir minha cabeça...
Mais naõ me explico, Osmin; mas eu te affirmo,

Que ha-de em-balde pedir-n'á largo tempo.
 Sei prestar aos Sultões fiéis serviços;
 Mas seu capricho embora o vulgo adore,
 Não me prézo do escrupulo insensato,
 De bem-dizer a mão, que me condemna.

Eis n'estes sitios como tive entrada,
 E como finalmente vi Roxana:
 D'antes occulta minha voz ouvia,
 Do Serralho temendo as leis austéras;
 Mas banindo receios importunos,
 Que assás nossos colloquios constrangiaõ,
 D'este escuso lugar se serve, aonde
 Aos olhos nossos corações se fallaõ.
 Introduz-me huma escrava occultamente,
 E... Mas vem gente. He ella, e Atalida.
 Tu fica; e se preciso for, confirma
 A séria narraçaõ, que vou fazer-lhe.

SCENA II.

ROXANA, ÁTALIDA, ACOMATO, ZATIMA,
 ZAIRA, OSMIN.

ACOMATO.

SENHORA, verifica-se o boato.

Osmin o Sultaõ vio, no campo estêve.
Amurato sobërbo naõ socêga,
E para Bajazeto os vótos pendem:
Huma unânime vóz ao throno o chama.
Mas Babylonia os Persas soccorriaõ,
E á frente de seus muros Amurato
A off'recer-lhes batalha se dispunha,
Da qual pendente está nosso destino.
E até já, se de Osmin cálculo a marcha,
A acção, Senhora, o Ceo tem decidido,
E o Sultaõ n'este instante ou fôge, ou vence.
Declarêmo-nos, rompa-se o silencio:
Fechêmos-lhe hoje as portas de Byzancio,
E sem nos importar, se vence, ou fôge,
Dêmos prêssa a evitar, que elle o previna.
Se fôge, que receias? Se triumphá,
O conselho mais prompto he o mais saudavel.
De seu poder já tarde arrancarias
Na Côrte o pôvo prompto a recebel-o;
Mas eu da nossa lei co'as minhas tramas
Sobornei os interpretes sagrados:
Pois sei, que o pôvo he crédulo, e devoto
Da nossa religiaõ docil ao freio.
Outorga a Bajazeto a liberdade,
E d'este paço as portas lhe franqueia.
O estandarte fatal se desenróle (8),

Signal d'extrêmos lances, em seu nome:
 O pôvo o ama, e bem conhece o pôvo,
 « Que he só culpado, se a virtude he crime. »
 Além d'isto hum rumor, que hei confirmado,
 Ao pôvo espavorido persuade,
 Que Amurato o despreza, e para longe
 De Byzancio mudar seu throno intenta.
 Do irmão se manifeste o p'riego instante,
 A ordem, que tiveste, patenteia:
 Sobre tudo appareça Bajazeto,
 E a fronte mostre, digna do diadêma.

ROXANA.

Sim, basta. Dei palavra, e sei cumpril-a.
 Vai, bizarro Visir, teus sócios chama:
 Dos sentimentos seus depois me informa,
 Que eu mesma te darei prompta resposta.
 Bajazeto verei; mas nada avanço,
 Sem primeiro saber, se está de accôrdo.
 Vai pois, e volta.

S C E N A III.

ROXANA, ATALIDA, ZATIMA, ZAIRA.

ROXANA.

EM fim, bella Atalida,
De Bajazeto pende a nossa sorte.
Pela última vez vou consultal-o:
Quero saber, se me ama.

ATALIDA.

Inda o duvidas,
Senhora? Apréssa, última o teu projecto.
Bem ouviste o Visir: e tu, Senhora,
Se estimas Bajazeto, quem, quem sabe,
Se ámanhã poderás salvar seus dias?
Enraivado o Sultaõ talvez já cõrra
A cortar de taõ bella vida á trama.
Hoje do seu amor porque duvidas?

ROXANA.

Mas tu o affianças, tu, que assim o attésta?

ATALIDA.

Que, Senhora! Por ti tantos extrêmos,
Quanto fizeste, quanto fazer pôdes,
Seu risco, seu respeito, e teus encantos,
Seu coração não te affiança tudo?
Crê pois, que teus favores tem presentes.

ROXANA.

Ai! Para socegar não posso crê-lo!
Porque não falla, para meu descanso,
Como fallas por elle, o fementido!
Cem vezes confiada em teus discursos,
Seu prazer d'antemaõ saboreando,
Tentei da sua fé certificar-me,
E quiz, que me fallasse occultamente.
Talvez que amor incrédula me torne;
Mas sem fazer-te o inutil relatorio,
Nelle o prazer não vi, nem o alvoroço,
Com que tanto me haviaõ lisongeado.
Se o Imperio lhe dou, lhe outorgo a vida,
Taõ incerto penhor me não contenta.

ATALIDA.

Que vais entãõ propôr a seu affccto ?

ROXANA.

Hoje mesmo , se me ama , ha de esposar-me.

ATALIDA.

Esposar-te , Senhora ! Oh Ceos ! Que intentas ?

ROXANA.

Eu sei bem , que os Sultões o naõ praticaõ ;
Sei bem , que a lei soberba se impozeraõ
De jámais d'hymenêo cingir-se ao jugo.
Muitas beldades seu amor disputaõ ,
E ás vezes d'entre todas huma escólhem ;
Mas inquieta , apezar de seus encantos ,
Recebe escrava o seu senhor nos braços.
Sem o jugo romper , que a lei prescreve ,
Ha de hum filho Sultana declaral-a.
Quiz mais terno Amurato , o só té hoje ,
Que a seu amor o titulo devêssem ;

Dêo-me o titulo pois, dêo-me os podêres:
Do irmaõ deixou a meu arbitrio a vida;
Mas nunca esp'ranças dêo, de que algum dia
Coroasse hymenêo seus beneficios:
E eu, que só aspirava áquella gloria,
Já todos esqueci, risquei d'est'alma.
Mas para que hei de em fim justificar-me?
De tudo me esqueci por Bajazeto.
Mais feliz que o Sultaõ, té no infortunio,
A seu pezar talvez, soube agradar-me.
Damas, Guardas, Visir, seduzi tudo,
Bem vês onde o cheguei n'huma palavra.
Graças ao meu amor, servir-me eu soube
Do podêr, que o Sultaõ me dêo sobi'elle.
Bajazeto do throno hum passo dista:
Hum passo resta; mas ahi o espéro.
Se hoje, a pesar do amor, que arde em meu peito,
No toro conjugal me naõ recebe;
Se odiosa lei me allega, e finalmente
Se nada emprende, quando emprendo tudo;
No mesmo instante sem pensar, que o amo,
Sem consultar, se fico assim perdida,
O pérfido abandono, e se despenhe
N'esse estado fatal, em que jazia.
Eis o que vou propôr a Bajazeto;
A resposta, que dêr, o pérde, ou salva.

Hoje da tua voz não necessito,
Para os intentos meus manifestar-lhe.
Não de hoje os labios seus, não de os seus olhos
Descobrir-me seu peito sem refólho;
E aqui secretamente conduzido,
Sem prevenido estar, fallar-lhe quero.
Adcos. Sêr-te-há patente o resultado.

S C E N A IV.

ATALIDA, ZAIRA.

ATALIDA.

Eis tudo feito, Zaira, estou perdida!

ZAIRA.

Tu, Senhora?

ATALIDA.

Já tudo estou prevendo.

Na minha exasp'ração só tenho esp'rança (9).

ZAIRA.

Mas o motivo?

ATALIDA.

Se o fatal desenho
 Soubesses de Roxana! Se escutasses
 As condições, que exige! Ah! Bajazeto
 Deve morrer, ou dar-lhe a mão d'esposo.
 Ai! Que será de mim, se elle se rende!
 Se não se rende, ó Ceos! que será d'elle!

ZAIRA.

Bem conheço o teu mal; porém devêra
 O teu amor, há muito, presentil-o.

ATALIDA.

Ah! Zaira, têm amor tanta prudencia?
 Tudo ser-nos propicio parecia.
 Da minha fé Roxana persuadida,
 Do amor de Bajazeto em mim confiava,
 De quanto o respeitava me incumbia,

Eu o via, e fallava-lhe eu por ella,
E o dôce instante próximo julgava,
Em que eu mesma o meu bem no throno alçasse.
O Ceo fêz abortar meus artificios.
Zaira, em tal situaçãõ, que me restava?
Devia oppôr-me ao erro da Sultana,
Para a desenganar perder o amante?
Antes que ella de amor sentisse o imperio,
Amado foi de mim, fui d'elle amada.
Desde a idade infantil (bem te recórdas)
Em nós estreita amor do sangue os laços,
No regaço da mãi, co'elle educada,
Bajazeto do irmaõ distingui sempre:
Ella gostosa unio nossas vontades;
Mas depois que expirou, se bem que ausentes,
Sem vêr-nos, hum do outro saudósos,
Soubémos sempre amar, callar soubémos.
Roxana, que depois, sem suspeital-o,
A seus occultos fins quiz associar-me,
Vendo o amavel heróe, de amor perdida,
Mostrou-se agradecido, e respeitoso
Bajazeto. Podia fazer menos?
Quãõ facil crê quem âma o que deseja!
Satisfeita Roxana só com isto,
Occasiaõ nos dêo de conserval-a
Em seu erro fatal sempre embebida.

Mas a minha fraqueza te confesso;
Deixei senhorear-me do ciúme.
De bens minha rival enchendo o amante,
Oppunha hum throno aos débeis meus encantos;
Mil desvélos faziaõ-na lembrada;
A gloria já mui perto lhe mostrava;
E eu nada pôsso : meu amor só tinha
Crebros suspiros , que por mim fallassem.
O Ceo meu pranto vio; mas Bajazeto
Dissipou finalmente os meus temôres:
Increpei minhas lagrimas; té hoje
A fingir o obriguei, fallei por elle.
Ai! Tudo se acabou! Roxana odiada
Vai de sua illusaõ desenganar-se;
Pois Bajazeto em fim fingir não sabe:
Conheço-lhe a virtude melindrosa;
Devo dar sempre trémula, e confusa
A suas expressões melhor sentido.
Elle se pérde. Ah! Se hoje por meus labios
Lhe fallasse a rival, como até-?gora!
Se o seu rosto eu dispôr podésse ao menos!
Porém quando passar pôsso esperal-o,
C'humá palavra, ou gesto soccorrêl-o.
Subjeite-se a hymenêo, poupe-se á morte.
Se Roxana quizer, de certo expira.
Perder-se vai... Mas, Atalida, espéra;

Deixa obrar livremente o teu amante.
E's digna de que alguém por ti se pérca?
Talvez que Bajazeto ouça os teus votos,
E mais, do que desejas, préze a vida.

Z A I R A.

Senhora, ó Ceos! em que afflicções te abysmas?
Que sempre antes de tempo te lastimes!
Naõ duvides: o Principe te adóra.
Reprime, encóbre a dôr, que assim te anceia;
Naõ mostres com teu pranto os teus amores.
O braço, que o salvou, salvál-o-há sempre,
Huma vez que Roxana, sempre illusa,
Nunca chegue a saber, que a rivalizas.
Vem n'outro sitio recatar teu pranto,
E o exito esperar d'esta entrevista.

A T A L I D A.

Zaira, vamos. E tu, se punir queres
De dous jóvens amantes o artificio,
Se reprovás, ó Ceo, nossa ternura,
Sou mais culpada, contra mim fulmína.

Fim do Primeiro Acto.

 A C T O II.

S C E N A I.

BAJAZETO, ROXANA.

ROXANA.

Eis o instante fatal, Principe, assoma,
 Que para libertar-te o Ceo destina.
 Já nada me retêm; desd' hoje ir posso
 Ao fim, que se propôz meu peito amante.
 Não te affirmo ser facil o triumpho,
 Nem o Imperio pacífico te offrêço;
 Mas eu t'ô promettí: faço o que posso:
 Já pódes debellar teus inimigos,
 Teu braço eu armo, e salvo-te a existencia;
 O mais fará, Senhor, tua virtude.
 Vio o exército Osmin: por ti se inclina;
 Os cabeças da lei se nos unirão;
 De Byzancio responde-te Acomato;
 E eu, bem sabes, que tenho ás minhas ordens

De chefes multidão, mudos, e escravos,
Gente, que habita dentro d'estes muros,
Cujas almas, há muito, a mim sujeitas,
Já me vendêraõ seu silencio, e vidas.
Eia comêça; a ti seguir compéte
A estrada, que te abri, da gloria ao campo.
Naõ incétas ilícita carreira,
Tu repelles, Senhor, braço homicída:
O exemplo he bem vulgar; do Império a senda
D'esta sorte os Sultões sempre trilháraõ.
Mas, para começar melhor, devêmos
Firmar nossa recíproca ventura:
Mostra ao mundo, enlaçando-me comtigo,
Que, salvando-te a ti, salvei o esposo,
E de hum fausto consorcio o nó solemne
Me justifique a fé, que já te hei dado.

BAJAZETO.

Senhora, que propões?

ROXANA.

Que, Bajazeto!

Que occulta causa estórva a nossa dita?

BAJAZETO.

Senhora, ignoras, que do Imperio o orgulho...
Poupa-me o dissabôr de referil-o.

ROXANA.

Sim, depois que hum de teus Imperadores,
De hum bárbaro o furor exp'rimentando (10),
Vio levar-lhe em triumpho a esposa em ferros,
Atada ao carro seu pela Asia toda,
De sua honra os Sultões escrupulósos
Raro d'esposo o título quizeraõ;
Mas phantásticas leis amor não segue:
Sem referir-te exemplos mais vulgares,
Solimaõ (d'entre os teus antepassados,
Que o mundo com seu braço assoberbáraõ,
Nenhum tanto exaltou do Imperio a gloria)
Solimaõ se agradou de Roxolana.
Este invicto Monarcha, bem que altivo,
A associou a seu thálamo, a seu throno;
E ao gráo d'Imperatriz só jus lhe davaõ
Alguns dótes talvez, muito artificio (11).

BAJAZETO.

Assim he ; porém vê quaõ pouco pôsso ,
E quem eu sou , e Solimaõ quem era.
Gozava Solimaõ d'alta pujança :
A seu jugo outra vez docil o Egypto ;
Rhodes , dos Othomanos féro escólho ,
Dos defensores seus feita sepulchro ;
Desoladas as margens do Danubio ;
Do Imperio Persa recuada a méta ;
D'Africa adusta os íncolas domados ,
A hum seu acêno as leis callar faziaõ.
E eu no exército , e pôvo a esp'rança fundo ;
Meus infortunios só meu nome afamaõ.
Incerto de reinar , triste , e proscripto ,
Em vez de os attrahir , devo irrital-os ?
Vendo o nosso prazer , carpir-nos pôdem ,
Teu pranto acreditar , meus infortunios ?
De Solimaõ te esquece , e vê sómente
Do triste Osman o próximo assassinio.
Rebeldes dos Janízaros os chefes ,
Intentando córar seus fins cruentos ,
Julgáraõ dar-lhes jus para perdel-o
O consorcio fatal , que vêns propôr-me.
Mas ganhando c'o tempo o seu suffragio ,

Talvez que eu possa a mais aventurar-me;
 Nada precipitemos; mas começa,
 Por dar-me os meios de recompensar-te.

ROXANA.

Entendo, e vejo, que imprudente hei sido;
 Nada em fim te esquecêo, previste tudo:
 O mais leve perigo pre-sentiste,
 Em que meu prompto affecto te empenhava.
 Por ti, por tua honra témes tudo,
 E eu t'ó creio, Senhor, pois o confessas;
 Mas previste tambem, se não me espóças,
 O p'riego, a que te expões, mais evidente?
 Não sabes, que sem mim tu nada pódes?
 Que deves agradar-me sobre tudo?
 Que em minhas mãos está do paço a chave?
 Que as portas póssó abrir, fechar-t'as póssó?
 Que hum supremo poder tenho em teus dias?
 Que respiras sómente em quanto te amo?
 E não sabes em fim, que não vivêras,
 Se não fôsse este mesmo amor, que ultrajas?

BAJAZETO.

Tudo te devo, sim; porém julgava;

Que fôra para ti sobeja gloria,
 Vendo a meus pés prostrado o Imperio todo,
 Ouvir-me publicar, que a ti o devo.
 Isso intento; meus labios o confessaõ (12),
 E ha-de sempre attesta-lo o meu respeito.
 Poupaste o sangue meu, devo-te a vida;
 Mas tu querias...

ROXANA.

Naõ, já nada quero.
 Mais naõ me enfades com razões forçadas;
 Dos meus mui longe estaõ teus sentimentos.
 Ingrato, eu já contigo instar naõ quero:
 Regressa para o nada, em que jazias.
 E em-fim que me detêm, que mór certeza
 De sua indifferença espéro ainda?
 Meus extrêmos o pérfido compungem?
 Em suas expressões amor têm parte (13)?
 Ah! Bem percebo. Crês, por mais que eu faça,
 Que meus perigos o perdaõ te abonaõ;
 Que, unida a ti com vínculos taõ fortes,
 Fóрмаõ causa commum nossos int'esses.
 Mas eu em teu irmaõ confio ainda:
 Bem sabes, que me adóra; suas iras
 Com teu pérfido sangue aplacar péso,

E tua morte em-fim me justifica.

Naõ duvides; eu cõtro, eu vou vingar-me.

Escuta, Bajazeto, o amor me impede:

Estás perdido, se d'aqui me ausento.

Arrende-te pois, que he tempo ainda.

Naõ exacerbés, naõ, da amante as furias:

Se huma palavra eu der, foi-se-te a vida.

BAJAZETO.

Em tuas mãos está; sim, dá-me a morte:

Proveitosa a teus fins, talvez com ella

De Amurato feliz perdaõ consigas,

E outra vez de seu peito a pósse alcanças.

ROXANA.

De seu peito? Ah! Crês tu, bem que elle o queira,

Se de reinar no teu pecco a esperanza,

De taõ doce illusaõ possuída, há tanto,

Crês, que eu pó-sa jámais ser d'outro amante,

Que, a naõ viver por ti, suppoite a vida?

As armas contra mim te dou, tyranno,

Sim; devia contêr minha fraqueza:

D'ella triumphar. Principe, a teus olhos

Conféssô, que affectei valôr fingido:

Minha dita, e prazer de ti dependem.
 Meu sangue vai correr, se o teu não poupas.
 Que fructo de meu zêlo por teus dias!
 Mas tu, Senhor, perturbas-te, e suspiras?
 Acaba, dize.

BAJAZETO:

Ah! Que eu fallar não possa!

ROXANA.

Que não possas fallar? Oh Ceos! Que escuto?
 Tens tu segredos, que occultar-me devas?
 Que! Não posso saber teus sentimentos?

BAJAZETO.

Finalmente decide-te, Senhora:
 Ou legitimamente me corôa,
 Cu aliàs de mim vingar-te podes.

ROXANA.

He já muito soffrer; serás contente.
 Oh lá, Guardas.

S C E N A II.

ROXANA, BAJAZETO, ACOMATO.

ROXANA.

VISIR, eis tudo feito.

Nada tenho a dizer; d'aqui te ausenta:
Reconheço o imperio de Amurato.
Vai. D'hoje em diante fêche-se o Serralho;
Na antiga ordem tudo outra vez entre.

S C E N A III.

BAJAZETO, ACOMATO.

ACOMATO.

QUE ouvi, Senhor, que espanto me surprende?
De ti pois que será, e de mim mesmo?
A quem accusarei de tal mudança?
Oh Ceos!

BAJAZETO.

Eu devo tudo patentear-te.

Roxana exacerbei, córre a vingar-se:

Hum obstáculo eterno nos separa.

Visir, já te avisei, de ti só cuida,

Sem cogitar de mim, pensa, e resolve.

A C O M A T O.

Que, Senhor!

BAJAZETO:

Fóje, e leva os teus amigos.

Comprométte-se assás minha amizade;

Esperava melhor premiar-te hum dia;

Porém frustrada está minha esperança.

A C I O M A T O.

E não póde esse obstáculo vencer-se?

Deixei tudo em socêgo no Serralho:

Que furôr assaltou tua, e su'alma?

BAJAZETO.

Roxana quér que a espóse.

ACOMATO.

E que têm isso?

Dos Sultões o costume o não permite;
 Mas he elle huma lei impreterivel,
 Que devas tu cumprir, perdendo a vida?
 A lei mais sancta he resgatar teus dias,
 E esse resto arrancar ás mãos da morte
 Do sangue dos Sultões, que em ti se acaba.

BAJAZETO.

Este resto infeliz custára muito,
 Se houvesse de o remir huma fraqueza.

ACOMATO.

E d'isso fórmas tu taõ negra imagem?
 O hymen de Solimaõ manchou seu nome?
 E Solimaõ não era ameaçado
 Do perigo, a que estás taõ sobranceiro.

BAJAZETO.

Esse perigo pois, e apêgo á vida
De hum consorcio servil fôra a ignominia.
Naõ tinha Solimaõ taõ vil pretexto:
Agradou se da escrava, e finalmente,
Sem soffrer d'hymenêo forçado o jugo,
Dêo-lhe de esposo a maõ, só por que a amava.

ACOMATO.

Roxana tambem âmas.

BAJAZETO.

Basta, amigo.
Chóro menos, que pensas, meu destino,
Nem julgo a morte o máximo dos males;
A teu lado a busquei bem môço ainda:
E esta indigna prizaõ, que em si me encerra,
Têm-me affeito a affrontal-a de mais perto;
Mostrou-m'a aos olhos meu irmaõ mil vezes:
De huma vida agitada o curso acaba.
Ai! Se alguma saudade me acompanha . . .
Perdõa, amigo, os corações deplora,

Que tanto por meus dias se int'ressavaõ,
E cujo zelo premiar naõ pôsso.

ACOMATO.

Se morrermos, és tu sómente a causa;
C'numa palavra só salvar-nos podes.
Dos valentes Janízaros o casco,
Os da Religiaõ depositarios,
Do p'ovo Byzantino os mais distinctos,
A quem suas acções exemplificaõ,
Aos sacros penetráes guiar-te anhelaõ,
Onde a primeira entrada os Sultões fazem.

BAJAZETO.

Pois bem, bravo Acomato, se me estimaõ,
Arranquem-me dos braços de Roxana,
E, se preciso fôr, vêm do Serralho
As portas arrombar, d'elles seguido.
Quero sahir crivado de feridas,
Mas naõ c'o odioso epíteto d'esposo.
Na envolta do alvoroço eu talvez pôssa
Defender-me a mim mesmo exasperado;
Teu zelo esperarei n'este conflicto,
E tempo te darei para acudir-me.

A C O M A T O.

Ah! Bem que diligente evitar pôsso,
Que Roxana de hum golpe se não vingue?
Taõ grande zelo entaõ réos não fizera
D'inutil attentado os teus amigos?
Ah! Promette, Senhor, fóra do p'riço
Verás, que pêzo têm tua promessa.

A J A Z E T O.

Eu!

A C O M A T O.

Naõ córes, Senhor; sangue Othomano
Naõ deve escravo ser de hum juramento.
Consulta esses heróes, que ao fim do mundo
Da guerra o jus ovantes conduzíra:
Da fé senhores, livres na victoria,
Só o público bem por lei tivéraõ:
E hum throno taõ sagrado em parte alçáraõ
Na promettida fé, que não guardavaõ.
Eu me altéio, Senhor.

BAJAZETO.

Sei, Acomato,
 Quanto pelo bem público fizeraõ;
 Mas sei tambem, que, pródigos da vida,
 Jámais c' huma perfidia a resgatavaõ.

ACOMATO.

O' valôr pertinaz! O' fé constante,
 Que até morrendo, a meu pezar, admiro!
 E há-de hum 'scrúpulo vaõ n'hum só momento
 Perdêr . . . Mas que ventura! Eis Atalida.

S C E N A IV.

BAJAZETO, ATALIDA, ACOMATO.

ACOMATO.

AH! Vêm, Senhora; aos meus une os teus rogos.
 Elle se perde.

ATALIDA.

Sim, venho amoestal-o.

Retíra-te. Roxana, em furia accesa,
 Quer, que se fêchem d'este paço as portas.
 Mas Acomato naõ te afastes muito,
 Talvez que em breve aqui voltar te fação.

SCENA V.

BAJAZETO, ATALIDA.

BAJAZETO.

AGORA, sim, deixar-te me he forçoso.
 Meu dólo pune o Ceo, o ardil te frustra;
 Nada me rebatêo seu golpe extrêmo:
 Cumpria, que morrêsse, ou teu naõ fôsse.
 De que servio taõ vil constrangimento?
 Por fructo só tirei morrer mais tarde.
 Bem t'ô predisse; mas tu mesma instaste;
 Em quanto pude reprezei teu pranto.
 Em nome, ó bella, d'esta complacencia,
 Mostrar-te evita da Sultana aos olhos:
 Trahíra-te o teu pranto, esconde-o d'ella,

E os adeos perigózos naõ dilates.

ATALIDA.

Ah! Naõ. Co'a sorte assás tem combatido
A pró de huma infeliz tua bondade.
Custa-te muito, se poupar-me queres:
Deves ceder, deixar-me, e reinar deves.

BAJAZETO.

Deixar-te?

ATALIDA.

Decidi. Eu mesma o quero.
Do ciúme até'qui sempre agitada,
Jámais sem grande horrór hei concebido,
Que tu naõ sendo meu viver podésses;
Se da rival feliz me figurava
Alguma vez a imagem dolorósa,
Tua morte (furor de hum peito amante)
Naõ, naõ julgava o máximo tormento;
Porém juntada aos olhos meus magoados
Com todo o horror se naõ mostrava ainda,
E naõ se via, qual te vejo agora,

Taõ próximo a dizer-me adeos eterno.
A constancia, Senhor, mui bem conheço,
Com que vais affrontar da morte o aspecto.
Sei que teu coração se apraz, e fólga,
De provar sua fé no arranco extrêmo;
Mas, ai! huma alma poupa mais imbelle:
Teus males méde pelas minhas fôrças:
Naõ me apúres a dôr, o atroz martyrio,
Que jámais tem soffrido amante alguma.

BAJAZETO.

E que será de ti, se hoje a teus olhos
De hymenêo taõ fatal o facho accendo?

ATALIDA.

Do que será de mim naõ te recordes.
Conformar-me-hei talvez co' a minha estrella.
Talvez que em minha dôr eu ache encantos,
E debulhada em lágrimas me lembre,
Que teus dias por mim sacrificavas,
Que vives finalmente, e o quiz eu mesma.

BAJAZETO.

Não; tu jámais verás taõ impia fésta.
 Se mais me ordênas, que te seja ingrato,
 Mais conheço, meu bem, quanto mercedes,
 Que o mesmo, que desejas não consigas.
 Taõ terno amor, nascido em nossa infancia,
 Cujos fôgo ateou nosso silencio;
 Teu pranto, que enxugar eu só podia;
 Mil protestos, que fiz, de ser constante:
 Tudo isto ha-de acabar c'humã perfidia?
 Hei-de esposar, e quem? Dil-o-hei, Senhora?
 Huma escrava, embebida em seus int'resses,
 Que mostra aos olhos meus prompto supplicio,
 Que a mãõ me off'rece, ou morte inevitavel,
 Ao mesmo tempo que a meu mal sensivel,
 Digna Atalida de seu sangue illustre,
 Té quér ao seu amor sacrificar-me?
 O zeloso Sultão me arranque a vida,
 Se devo por tal prêço resgatal-a.

ATALIDA.

Viver pôdes, Senhor, sem me ser falso.

BAJAZETO.

Falla. Se pôsso, prompto te obedeco.

ATALIDA.

Adóra-te a Sultana: e, bem que irada,
 Se te esforçares mais por agradar-lhe;
 Se esperança lhe dêrem teus suspiros,
 Que hum dia . . .

BAJAZETO.

Entendo; mas annuir não pôsso.
 Não te figures pois, que hoje abatida
 De vil exasp'ração minha virtude,
 De hum assequivel throno os p'rigos têma,
 E que os busque evitar, perdendo a vida.
 D'inxperto valôr assás possuido,
 Esp'rava, detestando a vil molleza,
 O avito resplendor sempre antolhando,
 Entre tantos heróes ser apontado;
 Mas inda que a ambição, que amor me abrazem,
 Mais não pôsso illudir crédula amante.
 Para salvar-me, em-vaõ t'ò promettêra:

Meus labios, e olhos, que mentir não sabem,
 Talvez, quando aprazer-lhe procurassem,
 Que outro effeito confusos produzissem;
 E, offendendo-a meus gélidos suspiros,
 Bem visse, que do peito os não soltava.
 Há muito, ó Ceos, a houvêra esclarecido,
 Se expozesse a seu ódio só meus dias;
 Se não temesse, que a suspeita sua
 A ti mui facilmente remontasse!
 E hei com falsas proméssas d'illudil-a?
 Serei perjuro? E com tão vil baixeza...
 Ah! Longe de a propôr, bella Atalida,
 Se amor teu coração não fascinasse,
 De tão feia trahição te horrorizáras.
 Mas para te poupar instancia injusta,
 Roxana vou buscar, adeos, eu cômio,
 E te deixo.

ATALIDA.

Mas eu não te abandono.
 Vêm, cruel, vêm comigo, eu te conduzo;
 Patentear-lhe vou todo o mysterio.
 Já que surdo a meus ais o amante em furia
 Morrer aos olhos meus ambiciona,
 Ambos, a teu pezar, junte a Sultana;

Terá mais sede ao meu do que ao teu sangue.
Póssô dar a teus olhos aterrados
O espectáculo atroz, que aos meus dispunhas.

BAJAZETO.

Oh! Ceos! Que fazes?

ATALIDA.

Bárbaro, presumes,
Se a gloria prézas, que não prézo a gloria?
Crês tu, que vezes mil, por ti fallando,
Quasi que o meu rubôr me não trahia?
Mas próximo teu fim se me antolhava:
Se he certô o meu, cruél, por que motivo
O que hei feito por ti, por mim, não fazes?
Mais brandas expressões serã bastantes.
Em seu peito Roxana te perdôa:
O tempo, que te dá não considéras?
O Visir despedio, d'aqui sahindo?
A meus olhos as guardas vêm prender-te?
E meu zelo implorando em seus furores,
Não ví no pranto seu, que te idolátra?
Talvez que se lhe déres vaga esp'rança,
Aplaque seu furôr, contente fique.

Vai, Senhor, salva os teus, meus dias salva,

BAJAZETO.

Pois bem... Mas que discurso hei-de fazer-lhe?

ATALIDA.

Ah! Sobre essa eleição não me consultes.
A occasião o Ceo talvez te inspire.
Vai; mas entre ella, e ti não devo achar-me.
A nossa turbação nos delatára.
Vai pois; a acompanhar-te não me atrevo:
Dize... o que deves dizer, para salvar-te.

Fim do Segundo Acto.

ACTO III.**SCENA I.****ATALIDA, ZAIRA.****ATALIDA.**

He certo, Zaira, conseguiu o indulto?

ZAIRA.

Sim, Senhora; huma escrava pressurosa
De Roxana o mandato executando,
Recebêo o Visir do paço á porta:
Nã se falláraõ; porém mais que as vozes
Do Visir o transporte bem mostrava,
Que huma feliz mudança o chama ao paço,
E que vem sancionar concordia eterna.
Mais branda está sem dúvida Roxana.

ATALIDA.

A alegria, o prazer por toda a parte
Os acompanhaõ, Zaira, e de mim fógem.
Cumrí com meu devér, naõ me arrependo.

ZAIRA.

Que, Senhora! Que nóvo espanto he esse?

ATALIDA.

E naõ soubéste, Zaira, qual o encanto,
Ou qual o ajuste foi, melhor me explico,
Que produzio taõ súbita mudança?
Roxana, em seu furor inexoravel,
Têm de seu coraçãõ penhor seguro?
Espósa-a? Falla, dize.

ZAIRA.

Eu nada soube.
Mas se d'est' arte só salvar-se póde;
Se, o que tu prescreveste, elle executa;
Se a espósa finalmente . . .

ATALIDA.

Ah! Se elle a espósa!

ZAIRA.

Já te arrependes do discurso heroico,
Que teu zelo dictou, para salvá-o?

ATALIDA.

Naõ, naõ; fará sómente o que lhe cumpre.
Emudece, intensíssimo ciúme:
Se Bajazeto a espósa, eu mesma o quero;
Respeita o meu valor, que te suplanta,
E ao nobre impulso d'elle o teu subjeita;
Ah! Longe de pintar-m'o em braços d'outra,
Deixa-m'o affigurar sem dôr, sem pêne
No throno, a que o subió meu proprio affécto.
Bem me conheço, serei sempre a mesma:
Quiz d'elle amada ser, sou d'elle amada;
E hoje a esperança ao menos me consóla
De morrer satisfeita, e digna d'elle.

Z A I R A.

Morrer! Que! Terás tu taõ fêto intento?

A T A L I D A.

Cedí o amante, espantas-te do resto?
 Crês tu, que seja hum mal a morte, ó Zaira,
 Que finda tanta dôr, tanto martyrio?
 Sim, viva, eu mesma o quero: viva, e basta,
 Custe quanto custar, querel-o hei sempre.
 Meu desgosto, ou prazer naõ examino;
 Para cedel-o assás me he claro o amante.
 Mas, ai! pó.le pensar com justa causa,
 Que, se hum tal sacrificio fazer pude,
 E hum zelo taõ fatal mostrei por elle,
 O amo tanto, que assista ao seu consorcio.
 Vamos, quero saber...

Z A I R A.

Socéga, espéra:

Agora saberás quanto succede.
 Eis o Visir.

S C E N A II.

ATALIDA, ACOMATO, ZAIRA.

ACOMATO.

SENHORA, estão d'accôrdo

Os dous amantes; respirar podêmos.
Roxana desarmou seu braço irado;
Declarou-me sua ultima vontade;
E em quanto mostra ao pôvo espavorido
Do divino Propheta a insignia horriavel,
E o Principe a seguir-me se prepara,
Vou publicar d'este signal a origem,
Derramar o terror por toda a parte,
E acclamar finalmente o Sultaõ nôvo.

Tu permítte-me emtanto, que te eu lembre
O premio, que a meu zelo promettêraõ.
Naõ espéres de mim dôces transportes,
Quaes em seus corações se patenteiaõ;
Mas se hum desvelo proprio de meus annos,
Eterna servidaõ, respeito summo,
Qual de nossos Sultões se deve ao sangue,
Podér...

ATALIDA.

C'o tempo elucidar-me podes,
E ha-de tambem quem sou mostrar-te o tempo;
Mas dize, que transportes patenteáraõ?

ACOMATO.

Ignoras os terníssimos suspiros
De dous jovens amantes, que se adóraõ?

ATALIDA.

Naõ; mas hum tal prodigio me surprende.
Sabes, como o perdaõ lhe deõ Roxana?
Espósa-a finalmente?

ACOMATO.

Assim o creio.
Eis o que aos olhos meus succéde agora:
De seu commum furor maravillhado,
D'elles, de amor queixoso, e da fortuna,
Do paço me evadi desesperado.
Já n'hum baixél no porto apercebido

Co'as reliquias do espólio meu mais charas
A estranhos climas aproar tentava.
N'esta idéa fatal, aqui chamado,
Corrí, voei, d'esp'rança, e prazer cheio.
Abriu-se á minha vóz do paço a porta,
E huma escrava, que prompta me esperava,
Me introduzio na sala, onde a Sultana
Do amante as expressões ouvia attenta:
Hum profundo silencio os mais guardavaõ,
E eu, sopeando a minha impaciencia,
Seu colloquio de longe respeitando,
Medí seus ademães por longo espaço:
Até que d'alegria transportada,
Ella a mão lhe apertou, de amor em próva;
E o Principe com gestos eloquentes,
Senhora, lhe expressou sua ternura.

ATALIDA.

Ai!

ACOMATO.

Viráõ-me entaçõ ambos. A Sultana:
„ Eis o teu, e meu Principe, me disse,
„ Bravo Acomato, em tuas mãos o entrégo;

„ Vai preparar-lhe as honras soberanas:
 „ No templo respeitoso o povo o espere;
 „ Vai já todo o Serralho abrir-te o exemplo. „
 Prostrei-me entã de Bajazeto ás plantas,
 E retirei-me súbito, Senhora.
 Mui feliz, porque pude fielmente
 De passagem trazer-te a fausta nóva,
 Com meu devêr cumprindo respeitoso.
 Naõ duvides, Senhora, vou c'ralo.

S C E N A III.

ATALIDA, ZAIRA.

ATALIDA.

SAHIAMOS, seu prazer naõ perturbêmos.

ZAIRA.

Ah! Senhora! Crês tu . . .

ATALIDA.

Que hei-de crêr, Zaira?
 Hei-de a tal espectáculo ir expôr-me?

Eis tudo feito : espósa-a Bajazeto ;
A Sultana contenta , amor lhe jura.
Eu d'isso me não queixo , quil-o eu mesma ;
Mas quando hía , de sua fé zeloso ,
Cheio d'amor , por mim sacrificar-se ;
Quando , ardendo em ternura , humia promessa
Denegava a Roxana simplesmente ;
Quando eu debalde com meu pranto o instava ,
E de seu fraco impulso me applaudía ,
Julgavas por ventura , que tivésse
Para a persuadir tanta eloquencia ?
Ah ! Talvez que sem muito violentar-se ,
Premeditasse , quanto foi dizer-lhe.
Vendo-a , talvez , por ella mais sensível ,
Nóvos encantos em seu rosto achasse.
Roxana sua dôr lhe expressaria ;
Ella o ama , seu pranto hum solio abona.
Compunge tanto amor su' alma egrégia.
Ai ! Tudo he contra mim ! Sou desditosa.

Z A I R A .

Mas he , Senhora , incerto o resultado,
Espéra . . .

ATALIDA.

Naõ, de balde o negaria.
Prazer naõ acho em apurar meus males;
Sei bem, para salvar-se, o que lhe cumpre.
Quando a Roxana o enviei chorosa,
Eu quiz, que a minhas lágrimas cedesse;
Mas, á vista do adeos, que lhe escutaste,
E dos transportes de huma dôr taõ terna,
Tambem sei, que mostrar-lhe naõ devêra
A alegria, os transportes, que me dizem.
Julga tu mesma, e nóta, se me engano.
Porque d'este conselho só me exclúem?
Taõ pouco me respeita seu destino?
Guarda para taõ tarde procurar-me?
Justo remorso, que lhe punge o peito,
Taõ sómente, ai de mim! talvez lh'o impéde?
Mas naõ, quero poupar-lhe esse cuidado;
Nunca mais ha-de ver-me.

ZAIRA.

Ei-lo, Senhora.

S C E N A IV.

BAJAZETO, ATALIDA, ZAIRA.

BAJAZETO.

TUDO eis feito, fallei, cumprí teu gôsto.
Senhora, mais por mim temer não deves :
E eu seria feliz, se a fé, se a honra
D'esta dita fatal não me increpassem ;
Se este meu peito, que o remorso agita,
Podésse, qual Roxana, perdoar-me.
Porém já livre estou, vejo-me armado,
E a meu cruél irmão disputar pôsso,
Não c'hum silencio, que ardilosa ajudes,
Na Côrte o coração da sua amada,
Mas com formaes combates, nobre arrojo,
Indo até provocal-o a extranhos climas,
Os corações do exército, e do pôvo :
A fama ajuizará nossa conducta.
Mas que vejo ? Que tens ? Chóras !

ATALIDA.

Não, Principe,

Não murmúro de vêr tua ventura :
 Eras ao Céu crêdor de hum tal milagre.
 Que jámais o estorvei, mui bem tu sabes!
 Dês que respiro, os olhos teus tem visto,
 Que só teu risco o peito me inquietava ;
 E pois findar só pôde com meus dias,
 De bom grado tambem t'os sacrificio.
 He certo, que se o Céu meu voto ouvisse,
 Podia dar-me mais suave morte :
 Igualmente esposáras a Sultana,
 Fé conjugal podias prometter-lhe ;
 Mas ao nome d'esposo não juntáras,
 Quaes ella te acceitou, de amor taes provas.
 Julgava-se Roxana assás premiada :
 E eu morrê-a contente, imaginando,
 Que havendo-te essa lei eu mesma imposto,
 Sim te cedía, mas de mim possuido ;
 Que todo o teu amor levando á campá,
 Em ti lhe não deixava hum terno amante.

BAJAZETO.

De que fallas, Senhora? Amante! Espôso!
 Em que se funda, ó Ceos! hum tal discurso?
 Quem pôde essa infiel noticia dar-te?
 Eu Roxana adorar, viver por ella,

Senhora! Ah! Crês, que, longe de pensal-o,
Minha bôca sequer dizel-o pôde?
De o pensar, nem dizer precisão tive.
Ao natural pendôr cedêo Roxana;
E ou porque ella julgasse o meu regresso
Do meu affecto prôva decidida;
Ou porque a se render a urgisse o tempo,
Apenas eu fallei, sem quasi ouvir-me,
Meu discurso cortou, desfeita em pranto:
Seus bens, e vida em minhas mãos entréga;
Da minha gratidaõ capacitada,
Concébe a esp'rança d'infalliveis nupcias.
E eu corrido de tal credulidade,
De amor taõ terno, e pouco merecido,
Em minha confusaõ, que ella, Senhora,
Da minha chamma a excésso attribuía,
Réo me julgava, e bárbaro, e Agranno.
N'este instante fatal foi necessario,
Para guardar hum pérfido silencio,
Recordar todo o amor, que te consagro.
E quando eu venho, após tantos esforços,
Buscar a meu remorso algum allivio,
Eu vejo, que irritada incrépas inda
Da tua morte est' alma attribulada;
Eu vejo finalmente agora mesmo,
Que nada te compunge o que te eu digo.

Acabem de huma vez nossos cuidados,
 Vãs afflicções destérrem-se, Senhora.
 Perto Roxana está; não me embaraces;
 Eu vou de ti, de mim mais satisfeito,
 O enredo dissolver, desenganal-a,
 Que não hia encubrir meu pensamento.
 Mas ella chega.

ATALIDA.

Oh Ceos! A que se arrisca!
 Pelo amor, que me tens, não te declares.

SCENA V.

ROXANA, BAJAZETO, ATALIDA, ZAIRA.

ROXANA.

VEM, Senhor, vêm: he tempo, que appareças.
 Reconheça o seu Principe o Serralho:
 Todo o pôvo juntei, que n'elle habita,
 E taõ sómente o meu acêno espéra.
 Meus escravos comprados, que os mais seguem,
 Vassallos saõ, que a dar-te principio.
 Ciél-o-hias tu, Senhora, e que eu passasse

De affecto para affecto , e taõ contrario ?
 Prompta a vingar-me , havia protestado ,
 Que a derradeira luz seus olhos viaõ ;
 Mas apenas escuto Bajazeto ,
 Protestos , que amor fez , amor quebranta.
 A sua turbaçaõ julguei ternura :
 Dei-lhe o perdaõ , sua palavra creio.

B A J A Z E T O .

Sim , dei-te minlia fé , dei te palavra
 De jámais esquecer teus beneficios ;
 Da minlia gratidaõ , jurei , que sempre
 Terás por fiadores meus desvélos ;
 Se em paga d'isto o teu favor mereço ,
 Eu da tua bondade o effeito espéro.

S C E N A VI.

R O X A N A , A T A L I D A , Z A I R A .

R O X A N A .

QUE espanto me surprende ! Oh Ceos ! Que vejo !
 Meus olhos naõ me illudem ? Vélo ? Ou sonho ?
 Que acolhimento , e gélido discurso ,

Que tudo o que passou lembrar parece?
 Que esp'rança julga, que a ceder me obriga,
 E a tornar-lhe a amizade, que perdêra?
 Pensei, que me jurasse amor eterno,
 Que de seu coração me dêsse a pòsse.
 De me vêr aplacada se arrepende?
 Mas eu mesma talvez que me enganasse.
 Ah!... Mas que te dizia? Em que fallava,
 Senhora?

ATALIDA.

A mim, Senhora! Elle te adora.

ROXANA.

D'isso, creio, que a vida tem pendente.
 Mas, por quem és, explica-me, se pòdes,
 Quando tem de prazer tantos motivos,
 O enôjo, que notei no seu semblante.

ATALIDA.

Naõ reparei, Senhora, em tal enôjo.
 Elle assás me exaltou tuas bondades;
 D'ellas, quando o encontrei, possuído estava:

Julguei vél-o sahir, qual tinha entrado;
Porém deve, Senhora, surprender-te,
Que prompto a consummar taõ grande empresa,
Bajazeto se inquiéte, e alguns indicios
Deixe agora escapar de teus cuidados?

R O X A N A.

Vejo o teu nímio ardíl em desculpal-o:
Melhor, que elle por si, fallas por elle.

A T A L I D A.

E que interesse...

R O X A N A.

Basta em-fim, Senhora.
Entendo-te melhor do que presumes.
Retíra-te: estar só tambem preciso:
Este dia igualmente me inquiéta:
Tenho enojos tambem, tenho cuidados;
Quero n'isto pensar sem testemunhas,

S C E N A VII.

R O X A N A.

QUE devo colligir de quanto vejo?
 Ambos de accôrdo estaõ, para illudir-me?
 Que mudança! Que falla! Que partida!
 N'elles naõ surprendí hum volvêr d'olhos?
 Bajazeto suspenso! Ella aterrada!
 A tal affronta, ó Céu, me condemnaste?
 De minha paixãõ céga o fructo he este?
 Cruéis insomnias, dolorosos dias,
 Trahições fataes, facções, cabalas, tudo
 A pró de huma rival terei tentado?

Porém talvez que afflicta sem motivo,
 Dê nímio pêzo a hum transitorio enfado:
 Seu capricho será de amor effeito.
 Naõ tem sempre o artificio sustentado?
 Próximo a vêr o fim de seu disfarce,
 Quê! naõ póde fingir mais hum momento?
 Naõ; soceguêmos: muito amor me inquiéta.
 Por ventura temer devo Atalida?
 Qual sería o seu fim? Que fiz por elle?
 E qual hoje de nós ao throno o exalça?
 Mas, ai! de amor acaso o imperio ignoro?

Se n'outros laços Atalida o prende,
Que importa, que me dêva o sceptro, a vida?
Contrapézaõ amor os beneficios?
E sem que vá mais longe, o ingrato amando,
Lembrei-me do Sultaõ, de seus favôres?
Ah! Se n'outras cadeias naõ vivesse,
O meu consorcio tanto recusára?
De grado meus desejos naõ cumpríra?
A trôco o regeitára de seus dias?
Que evidentes razões... Mas quem me busca?
Que me querem?

S C E N A VIII.

ROXANA, ZATIMA.

ZATIMA.

TALVEZ que te importune;
Porém do exército hum escravo chega.
Bem que do mar fechada achasse a porta,
A guarda, sem detença, a abriu curvada
A's ordens, que Amurato te dirige.
Mas que elle enviasse Orean, assás me espanta.

R O X A N A.

Orean!

Z A T I M A.

De todos, que Amurato empréga,
 O negro mais fiél, Orean, nascido
 Sob o mais quente Céu da Lybia ardente,
 Solícito, Senhora, te procura;
 Mas pensei, que devêra prevenir-te,
 E receando, fôsses surpreendida,
 Detive em tua câmara seus passos,

R O X A N A.

Que imprevisto revéz vêm confundir-me?
 Que ordem será? Que devo responder-lhe?
 Não pôsso duvidar: a Bajazeto
 Amurato de nôvo sentençaia;
 Porém d'elle sem mim dispôr não pôdem.
 Tudo aqui me obedece. E hei-de salvá-o?
 Quem impéra? Amurato? Bajazeto?
 A hum trahí, trahidor me he talvez este.
 Que incerteza fatal! Mas urge o tempo.

O momento, que resta, bem se emprégue.
Hã-de em balde occultar-se; o amor mais fino
Mostra sempre signaes, que o parenteiaõ.
Atérre-se a rival, observe-se elle,
E amante se authorize, ou môrra ingrato (14).

Fim do Terceiro Acto.

 A C T O IV.

S C E N A I.

ATALIDA, ZAIRA.

ATALIDA.

AH! Zaira, que terror de mim se apóssa!
 Ví no paço d'Orean o altivo aspecto.
 N'este instante fatal quanto não temo,
 Que... Mas, díze-me, vío-te Bajazeto?
 Que te disse? Acquiesce a meus dictames?
 Vai vê-la, e dissipar sua suspeita?

ZAIRA.

Não lhe he lícito ir vel-a, sem que o chame:
 Roxana assim lh'o ordena, e quer, que a espere.
 He provavel, que a Orean queira occultal-o.
 Fingí, quando o encontrei, que o não buscava:
 Teu escripto acceitou, eis a resposta;
 Verás, Senhora, o que ella te annuncia.

ATALIDA *lé.*

Depois de tanto enredo,
Inda a fingir o teu amor me obriga?
Mas huma vida conservar intento,
Da qual depende a tua.
A Sultana verei; por complacencia
Farei de gratidaõ nóvos protestos,
Para domar-lhe as iras.
Naõ péças mais. A morte, nem tu mesma,
Nada a ser d'ella constranger-me póde,
Sou teu, naõ serei d'outra.

Ai! Que me escreve? Pensa, que o duvído?
De sobejo naõ sei, que me idolátra?
D'esta sorte executa o que lhe péço?
Roxana, e naõ a mim, persuadir deve.
De que terror transida fico ainda!
Fatal cegueira! Pérfido ciúme!
Falsaria narraçaõ! Suspeita injusta!
Devía-nos ouvir? Fallar devía?
Minha dita excedia a minha esp'rança.
Contente era Roxana, eu venturosa.
Zaira, se pódes, volta, e vai dizer-lhe,
Que a aplaque; pois naõ basta o que me escreve.
Que a bôca, os olhos, tudo amor lhe affiance:

Que o creia finalmente. Ah! Que eu não póssa,
 Com meu pranto inflammando o seu desleixo,
 Pôr em seus labios todo o amor, que sinto!
 Mas a nóvos perigos têmo expol-o.

ZAIRA.

Ahi vêm Roxana.

ATALIDA.

Occulte-se este escripto.

SCENA II.

ROXANA, ATALIDA, ZATIMA, ZAIRA.

ROXANA *para Zatima.*

VEM, tive ést' ordem. Cumpre intimidá-la.

ATALIDA *para Zaira.*

Vai, corre, Zaira, e busca persuadil-o.

S C E N A III.

ROXANA, ÁTALIDA, ZATIMA.

ROXANA.

TIVE cartas do exército, Senhora (15).
Já tens noticia do que vai no campo?

ÁTALIDA.

Que hum escravo chegou só me disséraõ:
Mais nada sei do que se têm passado.

ROXANA.

O Sultaõ foi feliz, mudou-se a sorte,
Babylonia rendêo-se, e as leis lhe acceita.

ÁTALIDA.

Pois que, Senhora! Osmin...

ROXANA.

Mal informado
Partio primeiro, que partisse o escravo.
Tudo eis feito.

ATALIDA.

Ai de mim!

ROXANA.

Por mór desgraça,
O Sultão, que o mandou, marcha após d'elle.

ATALIDA.

Nem armados os Persas o demorão?

ROXANA.

Não, Senhora. Regressa a longas marchas.

ATALIDA.

Quanto te não lastimo, e quanta pressa
Não deves dar, Senhora, ao que intentavas.

ROXANA.

Ao Sultão triumphante hei-de inda oppôr-me?

ATALIDA.

Oh! Ceos!

ROXANA.

O tempo seu rigor augmenta,
Eis-aqui está sua vontade excelsa.

ATALIDA.

E que ordens te mandou?

ROXANA.

Vê, lê tu mesma:
Conheces bem, Senhora, a letra, e firma.

ATALIDA.

De Amurato cruél conheço o punho. (*Lé.*)

Antes que a Babylonia as leis dictasse,
Eu te expedí definitivas ordens;
Não quero duvidar, de que as cumpriste,
E creio, que ora Bajazeto he morto.
Deixando a Babylonia leis impostas,
Eu parto, e revalído o meu decreto:
Tu pois, se tens apêgo á propria vida,
Co'a cabeça do Princípe me espéra.

ROXANA.

E então?

ATALIDA *á parte.*

Triste Atalida, o pranto esconde.

R O X A N A.

Que dizes tu?

A T A L I D A.

No parricido insiste;
Mas o Principe cré sem patrocínio:
Naõ sabe, que por elle amor te falla,
Que Bajazeto, e tu formais hum'alma;
Que antes has-de morrer, do que...

R O X A N A.

Eu, Senhora?
Eu quizéra-o salvar, naõ póssô odial-o;
Mas...

A T A L I D A.

Ah! Que resolveste?

R O X A N A.

Subjeitar-me.

ATALIDA.

Subjeitar-te?

ROXANA.

E que resta n'este lance?

He fôrça.

ATALIDA.

O amavel Principe... que te ama,
Ha de a vida exhalar, que te consagra!

ROXANA.

He fôrça, e minhas ordens estão dadas.

ATALIDA.

Eu morro.

ZATINA.

Desfallece, e apenas vive.

ROXANA.

Vai pois, conduze-a ao próximo aposento;
Mas attenta o que diz, seus olhos, tudo,
Quanto indique seus pérfidos amores.

SCENA IV.

ROXANA.

DECLAROU-SE a rival ante os meus olhos.
Eis a fidelidade, em que eu confiava!
Ha já seis mezes, que de dia, e noute
Julguei, que ardente o meu amor servia;
Mas eu mesma fiél, ha já seis mezes,
Seus pérfidos amores patrocínio;
Eu mesma lhe offrecí meio opportuno
De podêr facilmente vêr o amante;
E lhe apressei, prevendo seus desejos,
De existencia os momentos mais ditózos.
Isto inda não he tudo; examinêmos,
Se ella o fructo colhêo d'esta perfidia;
Convêm... Mas eu que mais saber pertendo?
Meu desastre não ví no seu semblante,
E em sua mesma dôr, em seu deliquio,

Do seu amante hum coração contente?
Isemptra da suspeita, que me opprime,
He só por sua vida, que se aterra.
Mas que importa? Insistâmos. Falsas prôvas
Teá de sua fé, quaes as que tenho.
Para o fazer fallar hum laço armêmos.
Mas que indigna pensaõ me imponho eu mesma?
Hei-de ir fazer, minha alma violentando,
O seu desprezo authenticico a meus olhos?
O ardíl pôde aventar, frustar-me'o pôde.
De mais insta o Visir, o escravo, a ordem.
Preciso resolver. Por mim se espéra;
Mas naõ, de quanto ví quero esquecer-me.
Do seu amor se deixe a agra pesquisa;
Tente-se a sorte, apérte-se c'o ingrato:
Vejamos, se, por mim no throno alçado,
Ousa ainda trahir o amor, que o salva;
Se os beneficios meus com maõ cobarde
Prodigando, a rival c'roar se atreve.
Occasiaõ terei, se fôr preciso,
De punir a rival do amante ao lado;
Em furia accesa, o pérfido espreitando,
Com a sua Atalida hei-de assaltal-o;
E vibrando hum punhal, juntal-os quero,
Varar seus coraçãoes, varar meu peito.
Eis o partido só, que abraçar devo.

Quero tudo esquecer.

S C E N A V.

ROXANA, ZATIMA.

ROXANA.

QUE vens dizer-me?

He seu amante o Principe, Zatima?

De suas expressões conclúes, que se amaõ?

ZATIMA.

Atalida, Senhora, está sem falla.
Só dá signal de vida, em seu deliquio,
Com repetidos ais, com mil suspiros,
Que o coração parece, que lhe arrancaõ:
As escravas, que a trataõ com desvelo,
Para lhes dar sahida, a despregáraõ;
Seu designio solícita ajudando,
Esta carta lhe achei no seio occulta,
E do Principe a letra conhecendo,
Julguei dever nas mãos depositar-t'a.

ROXANA.

Dá cá . . . Porque estremêço? E porque sinto
 Todo o sangue gelar-se-me nas veias?

Porém, sem me offender, a escreveria,

Té póde . . . Mas eu vejo o que diz n'ella.

. A morte, nem tu mesma,

Nada a ser d'ella constranger-me póde,

Sou teu, não serei d'outra.

Eis a trahiçãõ patente, e descoberta!

Ah! Já conheço o laço, que me armavaõ!

De meu affecto a recompensa he esta,

Vil, indigno da luz, que te outorgava?

Respiro finalmente, e assás me alegra,

Que a si mesmo o trahidor se atrahiçoasse.

Livre d'ancias fataes, a que hia expôr-me,

Meu tranquillo furor só quer vingar-se.

Morra! Vingança! Córre; seja preso:

Dos mudos se arme a maõ para o supplicio (15);

O nó fatal apprestem, que põe termo

De seus iguaes á vida. Córre; e prompta

Seive, Zatima, a raiva, em que me abraço.

ZATIMA.

Ah! Senhora!

ROXANA.

Que!

ZATIMA.

Se eu, sem desprazer-te,
N'esse teu tão legítimo transpôrte,
Minha tímida voz soltar ousasse;
Sim, Bajazeto, indigno da existencia,
Dos verdugos nas mãos deve entregar-se;
Mas, bem que fementido, cuidas, que hoje,
Mais do que elle, o Sultão temer não deves?
E quem sabe, se alguma boca infida
Já dos amores teus o fez sciente?
Corações, como o seu, se os estimulaõ,
Bem sabes, que jámais se recuperaõ;
N'esse instante fatal morte infallivel
He de sua affeição próva a mais grata.

ROXANA.

Com que insolencia, e crueldade a minha
Credulidade os dous ludibriavaõ!
De os crer folgava, a crêl-os propendia!
Que victoria alcançavas, illudindo,
Ingrato, hum coraçãõ preocupado (17),
Que até temía ver-se esclarecido?
Eu, que do excelso gráo, que altiva occupo,
Primeira te busquei, do mal no seio,
Para huns dias ligar ledos, tranquillos,
Ao descrime, que tu, nos teus corráas;
Após tanta fineza, ardor, e anhelos,
Nada em-fim pôde constringer-te a armar-me?
Porém que phantasiar desatinado!
Ah! Choras, malfadada! Entãõ chorasses,
Quando, para teu mal, hum vaõ desejo,
E de fallar-lhe concebeste a idéa.
Choras! E o falso, prestes a trahir-te,
Estuda as expressões para enganar-te:
Pela tua rival só préza a vida
Ah! Trahidor! Vais morrer!... Naõ foste ainda!
Vai; mas eu vou, meus passos precipito:
Sim, veja, que empenhada em dar-lhe a morte,
Lhe mostro, a hum tempo, de Amurato a ordem,

E de sua perfidia a próva ingenua.
 Aqui minha rival retem, Zatima:
 Seus gritos, por adeos, morrendo, escute;
 Porém seja tratada com desvelo:
 D'ella cuida; meu ódio quer, que viva.
 Ah! Se por extremosa pelo amante,
 Receando o seu fim, perdêo o accôrdo
 Que excesso de vingança, e de doçura
 Mostral-o aos olhos seus pállido, e morto!
 Vê-la, fitando a vista n'esse objecto,
 Os gôstos, que lhe dei, retribuir-me!
 Vai, retêm-na; mas pèço-te segredo,
 Eu . . . Quem vêm protrahir minha vingança?

S C E N A VI.

ROXANA, ACOMATO, OSMIN.

ACOMATO.

QUE fazes tu, Senhora? Em que detenças
 Entragas hoje instantes taõ precíóso?
 Junto por mim Byzancio quasi todo
 Consulta os chefes, de terror transido.
 Estes, e os socios meus, para explicar-se,
 Signal, que prometteste, ha muito esperaõ.

Sem responder á sua impaciencia,
Guarda o Serralho hum languido silencio?
Declara-te, Senhora, e sem demora ...

ROXANA.

Satisfeito serás, vou declarar-me.

ACOMATO.

Ah! Senhora, que olhar, que voz austéra
O contrario me diz de quanto affirmas?
Que! Já d'estorvos teu amor vencido ...

ROXANA.

Bajazeto he trahidor, vivêo bastante.

ACOMATO.

Trahidor!

ROXANA.

Comigo pérfido, e contigo
A ambos enganou.

ACOMATO.

Como?

ROXANA.

Atalida,

Que não era também mui digno premio
De tudo, a que por ella te arrojaste ...

ACOMATO.

Que!

ROXANA.

Lê. Péza, depois d'esta insolencia,
Se defender hum pérfido nos cumpre.
Ao mui justo rigor obedeçâmos
De Amurato, que volta triumphante.
Aplaque-se o Sultaõ, sacrificando
Nosso complice infame sem piedade.

A C O M A T O .

Sim, já que tanto o pérfido me ultraja,
 Eu mesmo, se he preciso, eu vou vingar-te,
 Senhora. Dá, que eu lave as nossas vidas (18)
 Do crime, com que a d'elle as tem manchado.
 O caminho me aponta, eu vou ...

R O X A N A .

Detêm-te.

Reserva-me o prazer de confundil-o,
 Sua perturbação saboreando.
 Com tão prompta vingança inulta fico.
 Vou tudo preparar. E tu no emtanto
 Dispersa sem demora os teus amigos.

S C E N A VII.

A C O M A T O , O S M I N .

A C O M A T O .

Espera, Osmin. Sahir não devo agora.

O S M I N.

Que, Senhor! Teu amor te obriga a tanto?
A vingança mui longe não levaste?
Testemunha serás do seu supplicio?

A C O M A T O.

Tu que dizes? Taõ crédulo és, que penses,
Que em rancor taõ ridículo me abraço?
Eu cioso? Oxalá que, a fé trahindo,
Só me offendesse o incauto Bajazeto.

O S M I N.

E porque em vez entaõ de defendel-o ...

A C O M A T O.

Em estado de ouvir-me está Roxana?
Não viste, que se eu hía procural-o,
Ou perder-me, ou salvar-me hía com elle?
Oh de tantos conselhos fim sinistro!
Cégo Principe! E tu, Visir mais cégo,
Fica te bem confiar de mãos taõ jovens,

Cheio de annos, e de honras, teus designios,
 Deixar tua fortuna fluctuante
 Seguir de táes amantes a conducta?

O S M I N.

Ah! Deixa, que entre si fartem as iras:
 Quer morrer Bajazeto; em ti só cuida.
 De teus fins o mysterio só conhecem
 Teus amigos, que int'ressaõ no segredo.
 Verás brando o Sultaõ com sua morte

A C O M A T O.

Roxana em seu furor assim discorra;
 Mas eu, que estendo a vista, eu, que exp'riente
 Me iniciei nas máximas do throno;
 Que ouvi, de pôsto em pôsto, em tres reinados,
 De meus iguaes os baques estrondózos,
 Sei, sem bravatear, que só da audacia
 Hum homem tal, qual sou, perdaõ conségue;
 E c'õ escravo o senhor, quando irritado,
 Só morte a mais cruel reconcilia.

OSMIN.

Fóje pois.

A COMATO.

Occorrêo-me a mesma idéa;
Mas tinha a empreza entãõ mais atrazada.
Retroceder o passo já naõ devo.
C'hum fracasso estupendo hei-de affamar-me,
E deixar, na fugida, tanto estrago,
Que retarde apõs mim meus inimigos.
Bajazeto inda vive, e já me aterro?
Eu de mais longe soube conduzil-o.
A seu pesar, o Principe salvemos,
Por nós, nossos amigos, e Roxana.
Vês, que seu coração, que o patrocina,
Meu braço suspendêo, prompto a vingal-a.
Eu sei pouco de amor; mas eu te affirmo,
Que, pois quer confundil-o, o naõ condemna,
Que temos tempo, Osmin: bem que irritada
Inda o ama Roxana, inda quer vê-lo.

O S M I N.

Quem te inspira, Senhor, taõ nobre audacia?
 Ceder devemos, se Roxana o manda.
 Está cheio o Serralho . . .

A C O M A T O.

Sim, d'escravos,
 Que, nutridos no paço, a guerra ignoraõ.
 Mas tu, que de Amuráto desvalído,
 Tua sorte ligaste ao meu destino,
 Té o fim socorrer meu furor queres?

O S M I N.

Tu me offendes, Senhor: conta comigo.

A C O M A T O.

Bravo trôço de amigos; e soldados
 Por nós espera ás portas do Serralho:
 Além d'isto a Sultana em mim confia.
 Criado aqui, sou práctico do paço:
 Sei onde Bajazeto se aposenta;

Eia, corramos. Se me espera a morte,
Morrámos; eu, como Visir, e tu,
De hum personagem tal como valido.

Fim do Quarto Acto.

 A C T O V.

S C E N A I.

A T A L I D A.

AI! Debalde a procuro; nada vejo.
 Como pude eu perdê-la? Malfadada!
 Ceos, permittís, que meu amor funesto
 N'hum dia tanta vez o amante exponha?
 Que, para maior mal, a infausta carta
 Seja patente da rival aos olhos?
 Eu aqui mesmo, quando vi Roxana,
 Sumi-a com mão trémula no seio.
 Seu aspecto atterrou minha alma afflicta;
 Turbou-me a sua voz, o ameaço, a ordem,
 O alento me faltou, fiquei sem tino:
 Tormando a mim, mulhe-res me cercavaõ,
 Que a meus olhos attónitos fugiraõ.
 Ah! Mãos cruéis, que auxilio me prestáraõ,
 Quaõ funestos me fôraõ seus soccorros!
 D'ellas passou a suas mãos o escripto!
 Ora que planos traçará na mente?

Em quem recalhirá sua vingança?

Ah! Bajazeto he morto, ou breve expira!

Eu n'este encerro emtanto classurada!

Vem gente: informar-me-haõ do seu destino.

S C E N A II.

ROXANA, ATALIDA, ZATIMA, GUARDAS.

ROXANA *para Atalida.*

RETIRA-TE

ATALIDA.

Senhora... Tu desculpa...

ROXANA.

Retira-te, já disse: naõ repliques!

Retei-a, Guardas.

S C E N A III.

R O X A N A , Z A T I M A .

R O X A N A .

SIM, tudo está prompto.
 Já os mudos, e Orcan a hostia esperão;
 Mas eu pôsso dispôr do seu destino,
 Detel-o pôsso. Morre, se apparece.
 Virá, Zatima?

Z A T I M A .

Hum escravo segue.
 Sem recear a próxima desgraça,
 O ví muito solícito, Senhora,
 Do seu quarto sahir, vem já fallar-te.

R O X A N A .

O' alma fraca, e digna de embair-se,
 Inda pódes soffrer sua presença?
 Crês, atterral-o, ou com razões vencel-o?
 E pódes perdoar-lhe, se o vencéres?

Naõ devias, ha muito, estar vingada?
Crês, que pouco ultrajada foste ainda?
Sem mais instar hum coração de bronze,
Porque inda a morte lhe naõ dou ... Mas cil-o.

S C E N A IV.

BAJAZETO, ROXANA.

ROXANA.

DE fúteis arguições prescindo agora;
Em palavras o tempo se naõ perca.
Meu zelo he bem patente: és vivo, em summa;
O que sabes, Senhor, só te disséra.
Se, a despeito do amor, que te consagro,
Eu naõ te agrado, d'isso me naõ queixo,
Bem que taõ grande amor, tantos extremos
Fracos encantos meus talvez supprissem;
Mas admira-me assás, que fementido,
De tanto affecto, e confiança em premio,
Hajas, ha tanto, e com taõ vis enredos,
Fingido huma paixão, que naõ sentias.

BAJAZETO,

BAJAZETO.

Eu, Senhora?

ROXANA.

Sim, tu. Que me desprézas,
 Presumes, que não sei? Negal-o-has inda?
 Inda pertendes vir com falsas cores
 A paixão disfarçar, que tens por outrem,
 E jurar-me com pérfidas palavras
 Tudo, que sentes só por Atalida?

BAJAZETO.

Atalida, Senhora! Oh Ceos! Quem disse...

ROXANA.

Tôma, pérfido, vê: desmente ainda.

BAJAZETO, *depois de haver olhado para o bilbete.*

Nada já digo, este sincero escripto
 De huma paixão fatal o arcano encerra,

Arcano, que em meu peito não cabendo,
Intentei vezes nil manifestar-te.
Eu amo, sim, confesso; inda tu'alma
Não ardia por mim de amor na chamma;
Já, desde a infancia, ou protestado havia,
Todo entregue a Atalida, ser só d'ella.
Tu depois me offertaste o Imperio, a vida;
E até teu coração, se ousou a dizer-t'o,
Consultando a alluviaõ de teus favores,
Por mim te respondeo do meu affecto.
Teu erro ví; porém que me restava?
Tambem ví, que teu erro te aprazia.
Quanto não tenta huma ambição d'Imperio?
Abrío-me os olhos dádiva taõ rica.
Estimei, e acceitei, sem que hesitasse,
A feliz occasiaõ de libertar-me;
Porque, se a rejeitasse, expiraria,
E tu mesma em mostrar-m'a desvelada,
Nada temias mais, que o meu repudio,
Repudio, que funesto te sería,
Pois que fallar-me, e ver-me havendo ousado,
Retroceder o passo não podias.
Mas tuas proprias lágrimas attesto:
Illusorias promessas fiz-te acaso?
Lembrem-te as vezes, que o signal notaste
Da interna agitaçaõ no meu silencio.

Se mais próximo o indulto, a gloria via,
 Afflicto o coração mais me increpava
 O Ceo, que entãõ me ouvia, o Ceo bem sabe,
 Se meus vótos inválidos seriaõ,
 Se o êxito, conforme a esp'rança minha,
 Hum campo livre á gratidaõ me abrisse,
 De tantas honras, tantas dignidades,
 Galardaõ de teus dous, te revestira,
 Que tu mesma talvez...

R O X A N A.

E que intentavas?
 Sem tua fé podias agradecer-me?
 Que fructo de teus votos colherias?
 Acaso de quem sou já te esqueceste?
 Despótica senhora de teus dias,
 E até do Estado, que o Sultaõ me entrega,
 Sultana, e o que embalde em ti burcava,
 Soberana de hum peito, em que eu só reino,
 Do fastigio da gloria, em que me vejo,
 A que honras vís tentavas abater-me?
 Seria acaso a fábula da Côte,
 Refugo vil do ingrato, a quem c'oava (19),
 Do excoiso grão descida, igual a tantas,
 Ou da minha rival primeira escrava?

Deixemos vãos discursos; não me enfades,
Finalmente reinar, e viver queres?
Condemna-te o Sultão, salvar-te pôsso.
Tens hum momento: falla.

BAJAZETO.

E que pertendes?

ROXANA.

Está perto a rival: eia, comigo
Vêm, vêm vêl-a morrer nas mãos dos mudos.
De amor isempto, que te impece a gloria,
Dá-me a fé tua, e deixa o mais ao tempo.
Se queres o perdaõ, seu preço he este.

BAJAZETO.

Só para te punir, eu t'õ accitára;
Só para patentear a todo o Imperio
O desprêso, o horror, que a offerta inspira:
Porém de que furores transportado
Contra seus tristes dias te provoco!
Ella dos meus transportes não tem culpa,
Nem mesmo d'este amor, d'esta injustiça.

Bem longe de reter-me , ou ter ciúme ,
 Só me instava a ser teu , me instava a amar-te,
 De meu crime sepára-lhe a virtude.
 Satisfaze o rancor , meu sangue véрте ;
 Prompta executada de Amurato as ordens ;
 Mas deixa-me expirar sem odiar-te :
 Amurato comigo a não condemna.
 Poupa huma vida assás atribulada ;
 Junta esta graça a tantos beneficios ,
 E se eu charo te fui . . .

ROXANA.

D'aqui te ausenta,

SCENA V.

ROXANA, ZATIMA.

ROXANA.

PELA última vez me viste , ingrato ;
 A punição vais ter , que provocaste.

ZATIMA.

A teus pés Atalida vem lançar-se,
 È por hum só instante audiencia pede:
 Hum segredo importante quer confiar-te,
 Em que, diz, que interéssas mais, do que ella.

ROXANA.

Entrar póde. Tu segue Bajazeto,
 E, quando tempo fôr, d'elle me informa.

SCENA VI.

ROXANA, ATALIDA.

ATALIDA.

JA' não venho embair tua bondade;
 Ha tanto illusa; venho taõ-sómente
 Confusa, e do odio teu mui digno objecto,
 Lançar-te aos pés meu coração, meu crime,
 Enganei-te, Senhora, sim, confêssô:
 Toda embebida em meu amor sómente,
 Quando ví Bajazeto, em meus discursos

Busquei trahir-te, em vez de obedecer-te.
Desde a infancia o amava, e desde a infancia
Com mil extremos capturei su'alma.
Sua mãe, que o porvir não antevia,
Ai de mim! por seu mal, quiz enlaçar-nos.
Tu o amaste depois, ditosos d'ambos,
Se occultando-me o teu, meu peito vendo,
O teu amor do meu desconfiasse!
Para o justificar me não macúlo.
Eu juro pelo Ceo, que vê meu pejo,
Pelos altos heróes, de quem descendo,
Que, prostrados comigo a teus pés, fallaõ
Pelo sangue mais puro, que nos déraõ,
Bajazeto, Senhora, tarde, ou cedo,
Ha-de sensível ser a teus encantos.
Mostrando-lhe ciósa de contino,
Quanto julguei capaz de captival-o,
Nada omitti, o pranto, a ira, as queixas,
E ás vezes lhe attestei mater-nos manes.
Hoje mesmo, hoje mesmo, infuasto dia!
Exprobrando-lhe a esp'rança, que te déra,
E increpando-o de author da morte minha,
Meu importuno ardor cedêo só, quando
Alancei, lhe extorqui de fé taes provas,
Que perdido ficou, fiquei perdida.
Mas porque ha-de cançar tua bondade?

Sua antiga esquivaça esquece, esquece;
Eu a isso o forcei: nós, por mim rôtos,
Dar-se-haõ de nôvo, assim que a luz me falte.
Bem que meu crime deva ser punido,
Naõ mandes dar-me a merecida morte,
E a hum triste coraçãõ naõ te apresentes,
Derramado por ti, tincta em meu sangue:
De hum terno coraçãõ poupa a fraqueza.
O meu destino deixa a meu cuidado,
Senhora; naõ terei mais tarde a morte;
Gósa a ventura, que ella te promette;
Enthroníza hum heróe, que ha-de adorar-te:
A morte me darei; mas dá-lhe a vida.
Vai, Senhora, vai pois: antes que voltes,
Rival já naõ terás, que t'õ dispute.

ROXANA.

Taõ grande sacrificio naõ mereço:
Bem me conheço, e faço-me justiça.
Longe de separar-vos, hoje intento
Enlaçar-vos com vínculos eternos.
Verás em breve seu semblante amavel.
Levanta-te. Porém que tem Zatima?

S C E N A VII.

ROXANA, ATALIDA, ZATIMA.

ZATIMA.

SENHORA... Ah! Vem! mostrar-te, ou d' hora ávante
 Acomato revel domína o paço.
 Dos Sultões profanando o sacro asylo,
 Já seus corréos as portas lhe arrombáraõ.
 Teus escravos dispersos inda ignoraõ,
 Se o Visir te he fiél, se te atrahiçôa.

ROXANA.

Ah! Traidores! Eu côrro a confundil-o.
 A captiva retêm: d' ella te incumbo.

S C E N A VIII.

ATALIDA, ZATIMA.

ATALIDA.

Ai! Por quem devo ao Céu mandar meus votos?

Qualquer d'elles, não sei, que premedita.
Se tu tens dó, Zatima, de meus males,
Não peço, que teus labios atrahigõem
Por mim Roxana, e rompaõ seu segredo;
Mas díze-me: do Principe que he feito?
Acaso o vis-te? A vida tem segura?

ZATIMA.

Só póosso deplorar teu mal, Senhora.

ATALIDA.

Já por ventura o condemnou Roxana?

ZATIMA.

Pedíraõ-me segredo sobre tudo.

ATALIDA.

Cruél, díze-me só, se he vivo, ou morto.

ZATIMA.

Nada póosso dizer-te: arrisco a vida.

ATALIDA.

He já muito, cruel. Acaba, e dá-lhe
 Co'as próprias mãos de zelo maior prova:
 Traspassa hum coração, que dilacéras,
 De huma bárbara escrava escrava impia:
 Por ella quasi extincta, a luz me rouba;
 Mostra-te assim mais digna de servil-a.
 Debalde me retens, que sem demora
 Cu mórto aos olhos teus, ou parto a vél-o.

S C E N A IX.

ATALIDA, ACOMATO, ZATIMA.

ACOMATO.

BAJAZETO que faz? Onde está elle,
 Senhora? De o salvar he tempo ainda?
 Córro todo o Serralho, e desde a entrada
 Parte de meus intrépidos amigos.
 C'o impertérrito Osmin marchou na frente:
 O resto me seguío por outro lado;
 Córro, e só bandos tímidos encontro
 De escravos, e mulheres fugitivas.

ATALIDA.

Ai! Sei menos, que tu, do seu destino;
Mas esta escrava o sabe.

ACOMATO para Zatima.

Falla, e teme
O meu justo rancor.

SCENA X.

ATALIDA, ACOMATO, ZATIMA, ZAIRA.

ZAIRA.

SENHORA...

ATALIDA.

Zaira,

Que succéde?

Z A I R A.

Expirou tua inimiga.

A T A L I D A.

Roxana...

Z A I R A.

Deve mais maravilhar-te,
Que Orcan, que o mesmo Orcan fôsse o assassino.

A T A L I D A.

Orcan?

Z A I R A.

Talvez que por falhar seu crime;
Raivoso aquella vítima immolasse.

A T A L I D A.

O' Ceos, vós amparastes a innocencia!

Visir, vai vê-lo. Bajazeto he vivo.

ZAIRA.

Pela bôca d'Osmin sabereis tudo,
Pois tudo vio.

SCENA XI.

ATALIDA, ACOMATO, ZAIRA, OSMIN.

ACOMATO.

NAÕ se enganou? He morta
Roxana?

OSMIN.

Sim: tirar ví o assassino
De seu peito o punhal, banhado em sangue.
Orcan, que meditava a trama iniqua
A servía c'ò fito de perdel-a;
E o Sultaõ o incumbio secretamente,
De victimar-lhe a amante após do amante.
Assim que elle assomar nos vío, de longe,
„ Adorai, disse, de Amurato as ordens,

„ De sua firma augusta vêde os traços ,
 „ Sahí, rebeldes, d'este sacro asylo. „
 E expirante a Sultana entã deixando,
 Veio a nós, e co' as mãos, de sangue tinctas,
 O decreto evolvéo, com que Amurato
 Ao duplo crime authorizava o monstro;
 Mas, Senhor, sem querermos mais ouvil-o,
 De dôr, e raiva a hum tempo transportados,
 Seu delicto punímos, e vingámos
 De Bajazeto no seu sangue a morte.

ATALIDA.

Bajazeto!

ACOMATO.

Que escuto!

OS MIN.

Está sem vida:

E o não sabeis?

ATALIDA

Oh Ceos!

OSMIN.

A amante em furia

Perto d'aqui, temendo, que o salvasses,
 Ao nó fatal abandonou seus dias.
 Que espectáculo atroz meus olhos víraõ!
 Debalde lhe busquei signaes de vida;
 Bajazeto era morto. Achal-o fomos
 De expirantes, e mortos rodeado,
 Que, vingando o seu fim, cedendo á força,
 Do seu Principe a sombra acompanháraõ (20).
 Só nos resta fugir; Senhor, fujaõs.

ACOMATC.

A que me reduzís, cruéis destinos!
 Em Bajazeto sei, que tudo perdes,
 Senhora; em situaçaõ taõ dolorosa
 Já me naõ cumpre offerecer-te o appoio
 De huns tristes, que só n'elle a esp'rança punhaõ.
 Com sua morte exasperado, oppresso,

Vou, não salvar a criminosa fronte,
 Mas de huns tristes amigos grato ao zelo,
 Seus dias defender, que me entregáraõ.
 E tu, se, a outras regiões, intentas,
 Que transportemos tua fronte augusta,
 Resolve-te; senhores d'este paço
 Meus amigos fiéis haõ-de auxiliar-te;
 E eu, para aproveitar o tempo, cõrro
 Onde a minha presença inda he precisa,
 E junto aos muros, onde o mar entesta,
 Em meus promptos baixéis virei buscar-te.

S C E N A · XII.

A T A L I D A , Z A I R A .

A T A L I D A .

MAIS nada resta, em-fim meus artificios,
 Fatal capricho, mal-fundado ciúme,
 Ao doloroso instante me chegáraõ,
 Em que o meu bem meu crime entrega á morte!
 Ai! A sobreviver-lhe não bastava
 Ser condemnada, bárbaro destino?
 Erã, de horror por cúmulo preciso,
 Que a meus furores lhe imputasse a morte?

Sou eu, querido, quem te arranca a vida:

O Sultão não t'a rouba, nem Roxana;

Eu só te cí o laço desastroso,

Cujo execravel nó exp'rimentaste.

E pôsso recordal-o, sem que expire,

Eu, que não pude, ha pouco, ameaçada

Com tua morte conservar o alento?

Amor só tive, para assassinar-te?

Não; minhas mãos c'hum prompto sacrificio

Vão dar-me a punição, vão já vingar-te.

Vós, de quem perturbei repouso, e gloria,

Heróes, a que este heróe mais fama déra;

Tu, que o seu coração, mái desditosa,

N'outra esp'rança me déste em nossa infancia;

Mal-fadado Visir; tristes amigos;

Roxana; vinde todos conjurados

A amante flagellar atribulada

E a vingança tomai, que eu devo a todos.

(*Mata se*)

Z A I R A.

Ah! Senhora!... Ella expira. Oh Ceos! Que transe!

De dôr no peito o coração me estála!

F I M.

Abrantes 30 de Janeiro de 1820.

N. B. Por se achar distante da Capital, não pôde o traductor da presente Tragedia rever as provas da impressão, e por isso escapáraõ alguns erros de typo, dos quaes devem corrigir-se os mais notaveis com as seguintes

Pag. Vers.		EMENDAS.
25	20	Vendo o amavel heróe, de amor perdida, <i>A este verso devia seguir-se est'outro:</i> Soccorros lhe prestou beneficente.
34	3	Principe, escuta; amor meus passos tólhe.
—	11	E de seu peito a pôsse recupéres.
—	19	D'ella triumphas.
44	14	Porém pintada, &c.
54	8	Para cedel-o assás me he charo, &c.
63	17	Réo me julgava, e barbaro, e tyranno.
67	5	Deixe agora escapar de seus, &c.
68	19	Qual seria o seu fim? Que fez, &c.
69	ult.	<i>N'este verso, e nos seg., onde se acbar — Oreaõ</i> <i>— lêa se — Oreaõ.</i>
71	ult.	E amante se enthronize, &c.
73	18	Devia-vos, &c.
79	1	Que dizes tu? — No parricidio, &c.
82	5	Terá, &c.
—	10	O ardil pôde aventar, frustrar-m'õ, &c.
86	12	Nada em-fim constranger-te pôde a amar-me?
—	15	Quando, para teu mal, quizeste vel-o,
87	15	Estragas, &c.
97	3	E eu n'este encerro emtanto clausurada!
101	5	Já desde a infancia, eu, &c.
102	8	Galardaõ de teus dons, &c.
117	ult.	<i>Os escrupulosos em pontos de fidelidade lêaõ:</i> Que eu não possa de dôr morrer com ella!

N O T A S.

(1) *E quanto não me apráz vêr-te em Byzancio!*

O nome de *Byzancio*, que teve outr'ora a cidade, que veio depois a chamar-se *Antonia*, e que nós hoje chamâmos *Constantinopla*, não serve para designar esta última cidade. A dificuldade, que Racine encontraria em metter no verso o nome de *Constantinopla*, lhe fez preferir o de *Byzancio*, de que também usou Camões, por igual motivo, no seu immortal Poema.

(2) *Por que da narração, que vais fazer-me,
Pendente a sorte está do Imperio Turco.*

He admiravel a maneira, por que o assumpto se explica; os actores fallão com tanta naturalidade, que se não percêbe, que o Poeta quiz instruir o expectador. Esta scena passa por hum chefe-d'obra de exposição.

(3) *Babylonia, fiél a seu Monarcha,
O exército sitiante não temia;
Vinhão em seu soccôrro em massa os Persas.*

Era Sehah Abbas, Rei da Persia, quem se havia senhareado, no principio do reinado de Amurato, da provincia, e cidade de *Bagdad*. Racine chama a esta cidade *Babylonia*, posto que nunca teve esse nome, e conservou sempre o de *Bagdad*, ou jardim de Dad, monge, cuja cêl'a escapou só com o seu jardim da total ruína da Seleucia. Racine persuallio-se, que a cidade, fundada por Seleuco Nicater, chamando-se ao depois *Babylonia*, por isso que se oppulentou com as ruínas d'esta grande cidade, como o seu fundador se havia proposto, a cidade de *Bagdad* podia igualmente ser designada pelo nome de *Babylonia*, pois que recebêo no seu recinto os habitantes da Seleucia, e se tornou, depois da destruição d'esta segunda *Babylonia*, a cidade mais importante de todo aquelle paiz.

(4) *Mar, apesar da minha diligencia,
Entre o campo, e Byzancio há longo espaço.*

Por mais diligencia que faça Osmin, o espaço, que há entre o campo de Amurato, e Byzancio, como observa o Abbade de Olivet, não será mais, nem menos longo; mas Osmin quer dizer, que o tempo, que empregou em percorrer tão extenso caminho, he tão consideravel, que não pôde certificar, que as cousas se achem ainda no mesmo estado, em que as deixou, quando sabio do campo de Amurato. He por esta alliança de palavras que o Poeta soube dar ao seu estylo huma precisão tal, que se não torna escuro.

(5) *D'absoluto poder gôsa Amurato.*

O Sultão Amurato, ou Morato, Imperador dos Turcos, que tomou Babylonia (veja-se a Nota 3) em 1638, teve quatro irmãos. Osman, que era o mais velho, foi Imperador antes d'elle, e reinou quasi dous annos, no fim dos quaes os Janiziros lhe tiráram o Imperio, e a vida. O segundo se chamava Orcan. Amurato, logo nos primeiros dias do seu reinado, o mandou estrangular. O terceiro era Bajazeto, Principe de grandes esperanças, e he elle o protagonista da presente Tragedia. Amurato, ou fôsse por politica, ou por amizade, o havia poupado até o sitio de Babylonia: depois da tomada d'esta cidade, o Sultão victorioso expedio ordem a Constantinopla, para que o matassem, o que foi disposto, e executado, com pouca differença, da maneira, porque se representa. Amurato tinha mais outro irmão, que foi depois o Sultão Ibrahim, e que o mesmo Amurato havia desprezado, como hum Principe imbecil, que lhe não fazia sombra. (Extract. do Prefac. de Racine.)

(6) *Roxana venturosa, a quem já honra,
Sem ter hum filho, o nome de Sultana?*

As mulheres do Grão-Senhor não tomam o nome de Sultanas, senão depois de terem hum filho. Racine fingi, que Roxana o obtêve antes; era necessario esta ficção para relevar a dignidade do papel, e salvar a indecencia de semelhante personagem relativamente aos nossos costumes.

(7) *Ibrahim, sem receber seu nascimento*
Racine dá a Ibrahim o epitheto de imbecil, que nos

naõ coube no verso, para melhor fundamentar as pertenças exclusivas de Bajazeto ao throno dos Sultões. Ibrahim succedéo a Amurato, e foi pai de Mahomet IV.

(8) *O estandarte fatal se des-enróle.*

Este estandarte fatal he a bandeira de Mahomet, guardada religiosamente no thezouro do Principe; quando se arvóra, todos os vassallos desde a idade de septe annos saõ obrigados a pegar em armas, e a postar-se de baixo d'esta insignia.

(9) *Na minha exasp'ração só tenbo esp'rança.*

He quasi o pensamento de Virgilio, que faz dizer a Enéas, liv. II. vers. 354.

Una salus victis nullam sperare salutem.

(10) *Sim, depois que hum de teus Imperadores,
De hum bárbaro o furór experimentando.*

O Imperador, de que se tracta, he Bajazeto I; por antonomasia *Ilderim*, ou o *Raio*, vencido, e aprisionado por Tamerlan em 1402 na mesma planicie; em que Pompêo derrotou Mithridates. Julgava-se no tempo de Racine, que Tamerlan tinha feito metter a Bajazeto n'hum gaióla de ferro, e que sua mulher havia soffrido as mais bárbaras torturas. Luiz Racine pertende, que os successores d'este Sultaõ, para se naõ vérem expóstos a similhantes ultrages, naõ quizéraõ ter mulheres legítimas, e se contentáraõ com tẽr filhos de suas concubinas.

(11) *E ao gráo d'Imperatriz só jus lhe davaõ
Alguns dótes talvez, muito artificio.*

M. de Thou diz, que Roxolana se servio de hum pretexto de religião para induzir Solimaõ a desposal-a, dizia-se tambem, que o tinha captivado com philtros; que lhe havia subministrado humia Judia. *Roxolana . . . ut majorem dignitatis gradum adipisceretur, á simulatá religione occasionem snmpsit . . . philtris ab hebreaã sagá . . . subministratis.*

(12) *Isso intento; meus labios o confessaõ.*

Virgilio faz dizer o mesmo a Enéas:

Ego te, quæ plurima fando

Enumerare vales, nunquam, regina, negabo

Promévitam; nec me meminisse pigebit Elisæ.

Encid. Liv. IV. vers. 333, e seg.

(13) *E em-fm que me detêm, que mór certeza*

*De sua indifferença espero ainda?
Meus extrêmos o pífido compungem?
Em suas expressões amor têm parte?*

Aqui pôde comparar-se Racine consigo mesmo, e notar-se como traçou a mesma imagem com diferentes côres. Hermione, cujo caracter têm toda a similitude com o caracter de Roxina, diz na mesma situação:

*E com que olhar me despedio o ingrato?
Sem piedade, sem dôr, fingida ao menos,
Acaso o vi turbar, compadecer-me?
Pude acaso arrancar-lhe bum só gemido?
Mudo a meus ais, tranquillo a afflicções minhas,
Em meu pranto mostroa ter parte acaso?*

Andrómacha, trad. em vers. Port. Act. V. Sc. I.

Estes dous lugares parecem imitados das queixas de Dido:

*Nam quid dissimulo, aut que me ad majora reservo?
Num fletu ingemuit nostro? Num lumina flexit?
Num lacrymas victus dedit, an miseratus amantem est?*

Encid. Liv. IV. vers. 367.

(14) *E amante se entronize, ou morra ingrato.*

Este verso não foi construido com rigor grammatical; porque deveriamos dizer: *E entronizal-o-bei, se cubecer, que me ama, ou lbe darei a morte, se me fôr ingrato*; mas, no sentir de Quintiliano, *inter virtutes grammaticæ habebitur aliqua nescire*.

(15) *Tive cartas do exército, Senhora.*

Conservámos n'este verso, e em outros muitos, a simplicidade do Original: o que alli corresponde a este; he o seguinte:

Madame, j'ai reçu des lettres de Parmée.

He tão simples este verso, que parece prosaico; parecêl-o-hia muito mais, diz Boisjermain, se Racine imitasse aquelles authores, que julgaõ substituir com hum estylo brilhante o natural inimitavel do author de Bajazeto.

(16) *Morra! Vingança! Corre; seja preso:*

Dos mudos se arme a mão para o supplicio.

Dido em Virgilio dá semelhantes ordens contra Eneas; observa-se o mesmo fôgo, a mesma vivacidade nos dous Poetas.

*Non arma expedient, totaque ex urbe sequentur,
Diripientque rates alii navalibus Ite,
Ferte citi flammam, date vela, impellite remos.*

Eneid. Liv. IV. vers. 592, e seq.

(17) *Que victoria alcançavas, illudindo,
Ingrato, hum coração preocupado.*

Estes dous versos são imitados de Ovidio:

*Fallere credentem non est operosa puellam
Gloria.*

Phyllis a Demophoonte.

(18) . . . *Dá, que eu lave as nossas vidas.*

*Dá, por concede, ou permite, he mui obvio nos
Clássicos.*

(19) *Seria acaso a fábula da corte,
Refugio vil do ingrato, a quem c'roava.*

Hum igual sentimento faz dizer a Dido:

*En quid agam? Rursus ne procos irrisa priores
Experiar, Nomadumque petam connubia supplex,
Quos ego sum toties jam dedignata maritos?
Iliacas igitur classes, atque ultima Teucrum
Jussa sequar?*

Eneid. Liv. IV. vers. 534.

(20) *Do seu Príncipe a sombra acompanháraõ.*

*Sombra, meramente tomada no significado de pessoa
mórta, não se póde pôr, senão na boca de hum Gre-
go, ou de hum Romano, como bem mostra o moderno
Racine, e observa o P. Francisco José Freire na sua so-
breexcellente traducção da Athalia.*

 LISTA DOS SENHORES ASSIGNANTES.

- Abel Maria Jordaõ.
 Affonso Jorge de Souza.
 Alexandre Mendes.
 Anacleto Antonio da Costa.
 Antonio Anacleto de Seara.
 Antonio Caetano de Souza Pavaõ.
 Antonio da Cunha Ribeiro.
 Antonio Elizeu Paula de Bulhões.
 Antonio Felisberto de Seixas Real e Silva.
 Antonio Joaõ Pereira.
 Antonio Joaquim Farinha de Gouvea.
 Antonio Joaquim Guedes.
 Antonio José da Cunha Salgado.
 Antonio José Ribeiro.
 Antonio José da Silva Castanho.
 Antonio de Lemos Teixeira de Aguilár.
 Antonio Marques de Almeida.
 Antonio de Padua.
 Antonio Paulo Duarte Pereira.
 Antonio Pedro de Brito.
 Antonio Rodrigo de Almada e Castro.
 Antonio Rodrigues.
 Antonio Victorino Ferreira.
 Baltazar Couceiro da Costa.
 Bartholomeu Maria de Almeida.
 Bernardo de Lemos Teixeira Pacheco e Aguilár.
 Candido Xaxier de Carvalho.
 Casimiro José Fernandes.
 Cypriano José Soares.
 Damazo Joaquim da Rocha.
 Damazo José de Seixas.
 David Henriques de Carvalho.

Elcutherio Joaquim Maciel Ferreira.
 Eloy José das Chagas.
 Epiphânio Antonio Bernardes.
 Euzebio Candido Cordeiro Pinheiro Furtado.
 Fernando Antonio de Almeida.
 Fernando Antonio de Sequeira Villaça.
 Fernando Frade de Avelar Machado.
 Filippe Maria Barbosa, com 10 Exempl.
 Francisco Antonio dos Sanctos.
 Francisco Antonio dos Sanctos Garcez.
 Fr. Francisco da Cumieira Rebello.
 Francisco Gonçalo Pereira Rolim.
 Francisco Ignacio Maia.
 Francisco Joaquim dos Sanctos.
 Francisco Manoel Couceiro.
 Francisco de Miranda Caióla, com 2 Exempl.
 Francisco de Paula Guerra.
 Francisco do Rego Caldeira.
 Francisco Rodrigues Fangueiro.
 Francisco da Silva Freire.
 Francisco Torquato Vaz.
 Francisco Xavier Proença.
 Fulgencio Gomes dos Sanctos Valle.
 Garcia Manoel Duraõ Padilha.
 D. Gil Eannes da Costa de Souza de Macedo.
 Gregorio Antonio Pereira e Souza.
 Gregorio de Souza Pereira.
 Honorio Freive de Andrade Pimentel Brandaõ.
 Jacintho Xavier Lopes de Carvalho.
 Ignacio Justino Alves Cbianca.
 Ignacio Pitta de Castro Menezes.
 Jeronymo José Franco.
 João Alves Gracio.
 João Alves Pequeno.
 João Antonio de Mello.
 João Augusto da Cunha Almeida Mattos Mexia Feio.
 João Baptista Vaz Horta.
 João Carlos Arbues Moreira.
 João Damasceno da Cunha Machado Pinto.
 João da Fonseca Coutinho e Castro de Refoios.
 João José Cortes Paim.

- Joaõ Libanio da Ponte Ferreira.
 Joaõ Lopes Salgueiro Menna.
 Joaõ Lourenço Domingues.
 Joaõ Teixeira dos Anjos.
 Joaõ Travassos da Silveira Araujo.
 Joaõ Victor Sociro.
 Joaquim Antonio Genest.
 Joaquim Antonio Monteiro do Couto.
 Joaquim Gregorio Alpoem.
 Joaquim José de Almeida e Freitas.
 Joaquim José Esteves Vaz.
 Joaquim José Lopes.
 Joaquim José Maria de Souza Tavares.
 Joaquim José de Moura.
 Joaquim José de Oliveira.
 Joaquim José Tristão.
 Joaquim José Vidigal Salgado.
 Joaquim Manoel Rapozo.
 Joaquim Manoel Vidal.
 Joaquim Marianno de Almada e Castro.
 Joaquim de Mesquita Teixeira.
 Joaquim Pedro Pinto de Souza.
 Joaquim Soares Mendes.
 Joaquim Thomaz de Mendonça Sales Gameiro.
 Jorge de Avillex.
 José Anacleto Cabrita.
 José Antonio Alves de Mesquita.
 José Antonio da Cruz.
 José Antonio Mourão.
 Fr. José Bento Cabral.
 José Bento de Souza Fava.
 José Chrisógono de Freitas e Araujo.
 José Clemente dos Sanctos.
 José da Costa Menna.
 José Cupertino de Almeida e Menna.
 José Delgado Machado Roza.
 José Dionisio da Serra.
 José de Freitas Amorim Barboza.
 José Feronymo Granate.
 José Joaquim Ferreira Souza Bastos.
 José Joaquim Freire Pimentel de Avelar.

- José Joaquim da Motta.
 José Lane.
 José Lucas Tavares de Caria.
 José Lucio Valente.
 José Mangos de Faria.
 José Maria Lara de Carvalho.
 José Maria Moreira de Bergara.
 José Maria das Neves Costa.
 José de Moura Castanho.
 José Pereira da Cunha.
 José Pereira Vianna.
 José Ricardo da Silveira.
 José Rodrigues Ferreira.
 José Simões de Carvalho.
 José de Souza Tavares.
 José Vicente de Lacerda.
 José Vicente de Souza.
 Leandro José Capistrano de Almeida e Figueiredo.
 Leonardo José Gomes da Silva.
 Lourenço Caetano de Miranda Mexia Galvão Caiola.
 Luiz Antonio de Mesquita Cabral de Almeida.
 Luiz Antonio Ferreira Bairaõ.
 Luiz Godinho de Araujo Valdez.
 Luiz Ignacio de Carvalho e Silva.
 Luiz Manoel de Serpa Azevedo.
 Luiz Miller de Oliveira
 Manoel Alvares Machado.
 Manoel Dionisio das Chagas.
 Manoel Epiphanio de Saldanha Machado
 Manoel Gonçalves da Conceição.
 Manoel Gyraõ.
 Manoel Joaquim do Cabo.
 Manoel Joaquim do Rego Maio.
 Manoel José Dias Cardozo.
 Manoel José da Rocha, com 10 Exempl.
 Manoel Maria da Rocha.
 Manoel Nunes.
 Manoel Palha, com 2 Exempl.
 Manoel Pires.
 Fr. Manoel do Senhor da Serra.
 Manoel Simões de Carvalho

Manoel de Souza Ramos.
Marçal José Ribeiro.
D. Maria do Carmo Xavier.
Matheus José Villela.
Melchior Billiter.
Miguel Joaquim Pires.
Pedro Joaquim de Almeida.
Pedro José Henriques Barboza.
Pedro Lopes Martins.
Pedro Lourenço Lobo de Vasconcellos.
Pedro de Mendonça e Moura.
Prior do Castello.
Raymundo José da Silva Perez de Milaõ.
Redactor da Facecia Liberal.
Rodrigo de Almada e Castro.
Sabino José de Souza Viauna.
Saturnino de Souza e Oliveira.
Simaõ Vichi.
Theotonio José Leite.
D. Thereza Victoria Henriques Vidal.
Thomaz de Aquino Leal.
Thomaz Guilberme Stubbs.
Tito Livio de Mendonça.
Valerio Pereira de Mattos.





PQ
1892
A66

Racine, Jean Baptiste
Bajazeto

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 16 17 02 06 006 7